

# JOSUÉ

## Introdução

### Esboço

|            |             |             |             |
|------------|-------------|-------------|-------------|
| Capítulo 1 | Capítulo 7  | Capítulo 13 | Capítulo 19 |
| Capítulo 2 | Capítulo 8  | Capítulo 14 | Capítulo 20 |
| Capítulo 3 | Capítulo 9  | Capítulo 15 | Capítulo 21 |
| Capítulo 4 | Capítulo 10 | Capítulo 16 | Capítulo 22 |
| Capítulo 5 | Capítulo 11 | Capítulo 17 | Capítulo 23 |
| Capítulo 6 | Capítulo 12 | Capítulo 18 | Capítulo 24 |

## INTRODUÇÃO

**Título.** O primeiro livro dos **Profetas**, a segunda grande divisão do cânon do Velho Testamento, recebeu o nome do seu principal personagem, Josué. Não há nenhuma tradição judia ou manuscrito que prove que este livro formasse uma unidade com os cinco livros da Lei constituindo um Hexateuco (veja E.J. Young, *Introduction to the Old Testament*, pág. 157 e segs.).

**Data e Autoria.** O livro parece formar uma unidade literária, composta por um só autor, independentemente de duas ou mais fontes primárias, como alguns têm afirmado, e que foi editado e reeditado por muitos séculos. Embora Josué mesmo ordenasse escrever alguns documentos (18:9; 24:26), ele não poderia ser o autor de todo o livro que leva o seu nome. Registra a sua morte (24:29, 30) e acontecimentos que tiveram lugar só depois da sua morte: a conquista do Hebrão por Calebe (15:13b, 14; cons. Jz. 1:1, 10, 20), de Debir por Otniel (Js. 15:15-19; cons. Jz. 1:1, 11-15), e de Lesém pelos danitas (Js. 19:47; cons. Jz. 17 e 18) num período em que a idolatria foi tolerada em Israel (mas cons. Is. 24:31). Estes acontecimentos provavelmente aconteceram antes da opressão por Cusã, ou durante o juizado de Otniel (Jz. 3:8-11), cerca de 1370-1330 A.C.

Por outro lado, o autor foi testemunha ocular de muitos dos acontecimentos descritos (por exemplo, Is. 5:1 , 6). Raabe ainda era viva quando se escreveu a obra (6:25). O livro deve ser pré-salomônico (16:10; cons. I Reis 9:16); pré-davídico (Js. 15:63; cons. II Sm. 5:5 -9); anterior ao século doze, quando Tiro sobrepujou-se a Sidom, pois os fenícios ainda são chamados de sidônios (Js. 13:4-6); e deve ter sido escrito antes de 1200 A.C., depois que os filisteus invadiram a Palestina, pois no período de Josué os filisteus ainda não constituíam uma ameaça (veja Comentário sobre 13:2b-4a).

Parece mais provável que Josué foi escrito durante o juizado de Otniel (cerca de 1370-1330. Veja Comentário sobre 1: 4). A muito maior familiaridade com os problemas da tribo de Judá (cons. a narrativa detalhada da campanha do sul, 10:1-23; o interesse em Calebe e Otniel, 14:1-15; 15:13-19 ; a longa lista das fronteiras e cidades de Judá, 15:1-63) indica que o autor deve ter residido em Judá. Ele traça muito vagamente as fronteiras das importantes tribos de José, embora dentro delas se encontrasse Siló (16:1 – 17:11). Se ele morava em Judá, entende-se que tenha anotado as regiões geográficas desse território em primeiro lugar sem qualificar seus termos (11:16). Considerando que repetidas vezes se faz menção de que não foi concedido território à tribo de Levi (13:14, 33; 14:3, 4; 18:7 ), talvez fosse um sacerdote (veja J.J. Lias, "Joshua", *Pulpit Commentary*, III, xi, xii).

**Propósito e Valor.** O propósito do livro era o de continuar a história de Israel começada no Pentateuco e demonstrar a fidelidade divina para com a sua aliança estabelecida com os patriarcas e a nação teocrática, introduzindo as tribos em sua terra prometida (11:23; 21:43-45). Mais ainda, a santidade de Deus vê-se no Seu julgamento dos cananitas iníquos e na Sua insistência em que Israel, ao fazer esta guerra santa, deixasse de lado qualquer coisa má. Um terceiro aspecto do relacionamento divino com o homem evidenciado neste livro é a salvação de Deus. O próprio nome "Josué", a forma hebraica de Jesus, significa "Jeová é a salvação". Assim a história redentora de Israel

entrando e possuindo Canaã ilustra a experiência espiritual cristã de conflito, vitória e bênçãos nas esferas celestiais (Ef. 1:3; 2:6; 6:12) por meio do grandioso poder de Deus (Ef. 1:19, 20 ; 6:10). Em Hebreus 4, o repouso em Canaã, depois das inúteis lutas no deserto, apresenta-se-nos como um tipo de nosso presente repouso espiritual na obra consumada de Cristo e na Sua contínua intercessão para nos capacitar a derrotar o ego e Satanás.

**Antecedentes Históricos.** As datas para se determinar o cenário histórico do Êxodo e da Conquista são fornecidas pelos registros bíblicos e pesquisas arqueológicas. Os patriarcas peregrinaram em Canaã durante o período que os arqueólogos chamam de período médio da Idade do Bronze (2100-1550). José provavelmente subiu ao poder durante a Décima Segunda Dinastia do Egito. Então o novo rei que se levantou (*qûm'al*) no Egito e que não conhecia José (Êx. 1:8) era sem dúvida um rei hicsu da região do Delta do Nilo. Considerando que os hicsos afligiram os israelitas, forçando-os a construir Pitom e Ramsés (Êx. 1:11), Israel não fugiu do Egito quando os egípcios nativos expulsaram os hicsos em cerca de 1570 A.C. Os Faraós da Décima Oitava Dinastia (cuja capital foi Tebas, mas que tinham palácios adicionais em Mênfis, Heliópolis e provavelmente Bubastis) continuaram escravizando os israelitas até que Moisés finalmente os levou ao Sinai, em cerca de 1447 A.C. (cons. I Reis 6:1) durante o reinado de Amenhotep II (1450-1423). Josué deve ter introduzido Israel em Canaã em cerca de 1407, durante o período final da Idade do Bronze (1550-1200). A distribuição da terra entre as tribos foi feita em cerca de 1400, e Josué viveu até 1390 ou mais tarde. Um ponto de vista alternante data o Êxodo do período durante o reinado do Faraó Ramsés II logo depois de 1300 A.C. Aqueles que defendem este ponto de vista aceitam os 480 anos de I Reis 6:1 como um número redondo, significando doze gerações.

Por ocasião da invasão de Canaã pelos israelitas, o Faraó Amenhotep III (1410-1372) estava perdendo o interesse em suas posses asiáticas, de modo que grande parte dos reis fantoches da Palestina e

Síria logo se revoltaram contra o Egito ou deixaram de pagar seus tributos. As cartas em caracteres cuneiformes encontrados em 1887 na localidade de Teel el Amarna no Egito, o local da capital de Akenaten, filho de Amenhotep (1380-1363), são os arquivos reais desses dois reis. A maior parte dessas cartas foi escrita por príncipes vassalos na Palestina e Síria durante o período de 1400-1360, pedindo a ajuda de Faraó contra as cidades-estados vizinhas ou contra os habiru. Geralmente o termo *habiru* (ou *'apiru*) designam tropas mercenárias. Neste caso designam tropas alugadas na Síria pelos príncipes cananeus que se rebelaram contra o Egito. Assim o silêncio em Josué relativamente ao Egito pode ser explicado pelo fato do Egito ter tido uma fraca política exterior desde Amenhotep III até Seti (1313-1301), o próximo Faraó a marchar contra a Palestina. Mesmo assim os egípcios evitaram as montanhas e tomaram a rota costeira quando atacaram os heteus na Síria.

Durante o período de Josué e os Juízes, as observâncias religiosas cananitas tinham degenerado à mais sórdida licenciosidade e brutalidade - conforme somos informados pelas tabuinhas do Ras Shamra (ugarita) e as relíquias existentes das práticas do culto à fertilidade desenterradas em Bete-Shan, Megido, etc. O caráter imoral das divindades cananitas levava seus devotos aos mais desmoralizantes ritos do Oriente Próximo da antiguidade, tais como a sagrada prostituição de ambos os sexos, adoração de serpentes e sacrifícios infantis. Uma vez que tais práticas religiosas eram espiritual e moralmente contagiantes, qualquer um logo vê por que Deus ordenou que Israel exterminasse os cananitas. Assim eles e suas cidades tiveram de ser destruídos para que a vida religiosa dos israelitas não corresse perigo por causa do contato com tais povos idólatras. W.F. Albright explicou de maneira extraordinária as questões envolvidas, quando escreveu:

Felizmente para o futuro do monoteísmo os israelitas da Conquista foram um povo inculto, dotado de energia primitiva e crueldade, uma vez que a resultante dizimação dos cananitas evitou a completa fusão das duas raças que tinham um certo parentesco, o que quase inevitavelmente

teria abaixado os padrões jovevistas até um ponto onde a recuperação seria impossível. Assim, os cananitas, com sua orgíaca adoração da natureza, seu culto à fertilidade na forma de serpentes-símbolo e sensual nudez, e sua mitologia obscena, foram substituídos por Israel, com sua simplicidade nômade, sua pureza de vida, seu monoteísmo sublime e seu severo código moral (*From the Stone Age to Christianity*, pág. 281).

## ESBOÇO

- I. Entrada na Terra Prometida. 1:1 - 5:12.
  - A. Deus Comissiona Josué. 1:1-9.
  - B. A mobilização de Josué para atravessar o Jordão. 1:10-18.
  - C. A missão dos espias. 2:1-24.
  - D. Atravessando o Jordão. 3:1 - 5:1.
  - E. Renovação das ordenanças da circuncisão e da Páscoa. 5: 2-12.
- II. A Conquista da Terra Prometida. 5:13 - 12:24.
  - A. Aparecimento do divino Comandante-em-chefe. 5:13 - 6:5.
  - B. A campanha central. 6:6 - 8:29.
    - 1. Tomada de Jericó. 6:6-27.
    - 2. Derrota em Ai por causa do pecado de Acã. 7 : 1.26.
    - 3. Segundo ataque e o incêndio de Ai. 8 : 1-29.
  - C. Instituição da aliança de Israel como o código legal da terra. 8:30-35.
  - D. A campanha do sul. 9:1 - 10:43.
    - 1. Tratado com a tetrápolis gibeonita. 9:1-27.
    - 2. Destruição da coligação amorita. 10:1-43.
  - E. A campanha do norte. 11:1-15.
  - F. Resumo da conquista. 11:16-23.
  - G. Apêndice : Catálogo dos reis derrotados. 12:1-24.
- III. Partilha da Terra Prometida. 13:1 - 22:34.
  - A. Ordem divina para dividir a terra. 13:1-7.
  - B. O território das tribos transjordânicas. 13:8-33.

- C. O começo da divisão de Canaã. 14:1-15.
- D. Território da tribo de Judá. 15:1-63.
- E. Território das tribos de José. 16:1 - 17:18.
- F. Territórios das sete tribos restantes. 18:1 - 19:51.
- G. Herança de Levi. 20:1 – 21:42.
  - 1. Nomeação das cidades de refúgio. 20:1-9.
  - 2. Designação de cidades para os levitas. 21:1-42.
- H. Resumo da conquista e partilha. 21:43-45.
- I. Apêndice : Partilha das tribos transjordânicas. 22:1-34.
- IV. Intimação final à lealdade para com a aliança na Terra Prometida. 23:1 - 24:33.
  - A. O discurso de despedida de Josué para os líderes de Israel. 23:1-16.
  - B. Renovação do compromisso da aliança em Siquém. 24:1-28.
  - C. Apêndice: Morte de Josué e subsequente conduta de Israel. 24:29-33.

## COMENTÁRIO

### I. Entrada na Terra Prometida. 1:1 - 5:12.

#### Josué 1

##### A. Deus Comissiona Josué. 1:1-9.

No final do Pentateuco registra-se a morte do destacado líder e legislador de Israel e fiel servo de Jeová. Os israelitas ainda estavam acampados à leste do Jordão. Agora prossegue a inspirada história divina do escolhido povo de Deus.

**1. O Senhor . . . falou a Josué, servidor de Moisés** (cons. Êx. 24:13; Nm. 27:18-23; Deut. 1:38; 31:23). Apesar de Moisés, a quem Josué servira como ajudante ou oficial de ordens, já lhe ter transmitido previamente a autoridade, agora Deus lhe falava diretamente para que assumisse o comando dos israelitas. Embora não fosse provavelmente

"boca a boca" (Nm,12:8), esta revelação deve ter vindo quase imediatamente após a morte de Moisés, a fim de que fosse mantida a continuidade do governo teocrático de Deus. O Senhor transmitiu a Josué quatro ordens específicas: 1) atravessar o Jordão; 2) ser forte; 3) fazer o povo herdar; 4) tomar o cuidado de fazer tudo de acordo com a Lei.

**2. Passa este Jordão.** Sentido! Prepare-se para entrar em Canaã. O Jordão estava na época das enchentes (3:15). **A terra que eu dou.** *Estou dando* (particípio hebraico), ou *estou para dar*.

**3. Como eu prometi a Moisés.** Veja Deuteronômio 11:23-32. Eles tinham realmente de ocupar o território para recebê-lo de Deus, exatamente como os cristãos devem reclamar e apropriar-se de suas bênçãos espirituais em Cristo (Ef. 1:3).

**4. Líbano.** De acordo com a LXX, o Anti-Líbano, de cuja cadeia de montanhas o Monte Hermom, talvez visível de um ponto alto acima do Abel-shitim, é o pico mais ao sul. Toda a terra dos heteus. Esta frase não se encontra em Dt. 11:24; a LXX a omite aqui. Em 1407 A.C. os imperadores heteus ainda não haviam conquistado a Síria; sua supremacia entre o Eufrates e o Mediterrâneo começou de trinta a cinquenta anos mais tarde, sob o reinado de Supiluliumas. Se esta frase é genuína no manuscrito original, então o livro de Josué não foi escrito antes de 1350 A.C.

**5. Não te deixarei.** Literalmente, *eu não te abandonarei* (cons. 10:6, "não soltes", ou "não retires as tuas mãos"); LXX, eu não te deixarei em apuros.

**6. Sê forte e corajoso** (cons. 1:7a, 9). A segunda ordem de Deus, tão necessária a um guerreiro foi, Sê forte e resoluto, inflexível; LXX: Comporta-te como um homem. **Farás a este povo herdar a terra.** Esta foi a terceira ordem de Deus a Josué. Canaã foi prometida na aliança abraâmica (Gn. 15:16-21).

**7. Para teres o cuidado de fazer segundo toda a lei.** O quarto mandamento era o de vigiar e tomar cuidado em praticar toda a lei mosaica, mas também o seu espírito (cons. Mt. 5:27, 28, etc.).

**8. Medita nele dia e noite.** *Heigé*, "recite em voz baixa". A LXX usa *meletéo*, indicando ponderação meditativa e prática audível dos oradores. A coragem de Josué, esperança de vitória e sabedoria necessárias para o sucesso dependiam de sua constante atenção e inflexível aderência à Lei escrita (*tôré*, "instrução, ensinamentos").

**9. Não to mandei eu?** A invasão que Josué estava para liderar era inequivocamente ordenada por Deus. Por isso, Josué não era um chefe do deserto ou xeique tribal invadindo a Palestina, como os reis dos midianitas e amalequitas faziam mais tarde (Jz. 6.8). Ele era simplesmente o general-de-campo recebendo ordens do seu Comandante-em-chefe (Js. 5:14) em uma guerra santa de exterminação dos povos ímpios que rejeitavam a Deus.

### **B. A Mobilização de Josué para Travessia do Jordão. 1:10-18.**

Descansados depois da dura conquista da Transjordânia, os israelitas estavam muito melhor organizados e disciplinados do que há quarenta anos atrás.

**10. Príncipes do povo.** O termo *shorerîm* (Êx. 5:6-19; Dt. 1:15; 1 Cr. 27:1) designa os escribas do alistamento, correspondendo hoje aos oficiais do estado maior que distribuem as ordens administrativas superiores.

**11. Comida.** Uma vez que já tinham acesso a outro tipo de alimento, não tinham mais de depender do maná somente; logo este cessaria de vez (5:11, 12). Eles podiam ir à procura de alimento nos campos do oásis de Jericó onde havia cereal maduro. Deus não sustentaria o Seu povo no ócio. **Dentro de três dias.** Literalmente, *ainda três dias e passareis por este Jordão*, indica que iriam começar a caminhada que os levaria para o outro lado do Jordão. Provavelmente os



mesmos três dias durante os quais os espias estiveram ausentes (2:22), mas não os três dias de 3:2.

**13. Lembrai-vos do que vos ordenou.** A proposta de Moisés em Nm. 32 (cons. Dt. 3:12-21).

**14. Armados.** Literalmente, *em cinco partes* – vanguarda, retaguarda, o corpo, duas laterais; isto é, "em disposição para a batalha". Todos os valentes. Josué permitiu que as tribos do leste enviassem suas melhores tropas (4:13), de modo que a maioria pôde ficar para proteger suas famílias e rebanhos.

**16-18.** O pronto atendimento das tribos da Transjordânia capacitou os israelitas a invadirem Canaã com uma frente unida, tão necessária para a moral militar e espiritual do povo de Deus.

## Josué 2

### C. A Missão dos Espiões. 2:1-24.

Tendo algum conhecimento pessoal de Canaã devido a sua própria experiência de espia trinta e oito anos atrás, Josué, ao executar as ordens divinas, prudentemente enviou espiões a Jericó, a fortaleza-chave de todo o vale ao sul do Jordão. Duas dificuldades imediatas se lhe defrontaram: como vencer os cananitas hostis da margem ocidental; e como atravessar o Jordão durante a enchente (cons. 3:15; 1 Cr. 12:15. Nem todos poderiam atravessá-lo a nado como os espias devem ter feito.)

**1. Sitim** foi identificada por Nelson Glueck como Tell el-Hamã, no Wadi Kefrein, sobre os contrafortes da orla oriental do Vale do Jordão (Nm. 25:1; 33:49). **Secretamente . . . dizendo.** Esta missão foi cuidadosamente disfarçada, até mesmo dos israelitas, para que a circulação de um relatório desfavorável não desanimasse o povo (cons. Nm. 13:28 – 14:4). **Entraram na casa duma mulher, prostituta, cujo nome era Raabe.** Josefo e muitos escritores têm, desde o seu tempo, argumentado que Raabe era uma estalajadeira. Mas a palavra hebraica *zôné*, o grego *porne* na LXX, e Hb. 11:31 e Tg. 2:25, todos

definitivamente classificam-na como uma prostituta comum (não uma *qedishé*, prostituta religiosa). Teriam-na notado os espiões caminhando pela rua ao entardecer (cons. Pv. 7:9-12) e seguindo-a até sua casa, como os detetives hoje em dia fazem visitando lugares de má fama onde podem obter informações sobre criminosos? Ou, guiados inteiramente pelo Senhor, eles simplesmente "deram com" a casa dela já preparada de antemão pelo Espírito? Sua casa ficava provavelmente junto ao muro ocidental da cidade, com a janela dos fundos dando para a montanha (Js. 2:15, 16); portanto sua casa ficava a certa distância do único portão de Jericó, que dava para uma excelente fonte, exatamente a leste da elevação da cidade. O convite de Raabe implicava em muito menor divergência dos padrões de moralidade aceitos em seu ambiente do que nos parece. Além disso, ela também se ocupava de trabalho honesto, fiando e tingindo linho. Sua prostituição foi mencionada para destacar ousadamente a misericórdia de Deus que lhe concedeu a fé e que a poupou (cons. Mt. 21: 32; Lc. 15:1).

**2. O rei de Jericó.** No período final da Idade do Bronze toda cidade importante de Canaã era o centro de uma cidade-estado e tinha o seu próprio rei.

**4,5.** A mentira oportuna de Raabe foi um pecado de fraqueza de alguém cuja consciência estava começando a ser despertada das trevas do paganismo. Um homem de fé desenvolvida aprende a responder sem mentir (por exemplo, Gn. 22:7, 8). Na ética oriental, proteger um hóspede como ato de hospitalidade é uma das mais altas virtudes. Quanto ao fato dela estar traindo o seu rei, é preciso notar que em seu coração se desenvolvia uma nova fidelidade para com o Rei celestial. Assim ela ocultou os espias, embora correndo grandes riscos. 6.As canas de linho eram os talos, de aproximadamente um metro de comprimento, espalhados em cima do telhado plano para secar (cons. Dt. 22: 8) depois de ficarem de molho na água por diversas semanas. O linho amadurecia nos começos de março, quando a cevada formava as espigas (Êx. 9:31, 32).

**9-11.** Raabe revelou a inestimável informação de que o pânico (conforme cantado por Moisés em Êx. 11:15, 16; conforme prometido por Deus em Dt. 2:25) já se espalhara pela vizinhança de Jericó. Seu testemunho (Js. 2:11b) é notável pelo fato de sair dos lábios de uma mulher pecadora em uma sociedade idólatra e politeísta. Nem os próprios líderes israelitas falavam tão monoteisticamente (veja 24:14,15; I Reis 18:21). A mesma evidência que convenceu Raabe só serviu para endurecer seus concidadãos.

**12. A tradução usei de misericórdia para convosco** não exprime bem a idéia. A palavra *hesed* refere-se basicamente a uma promessa, acordo ou aliança oral, (para diferenciar do mais formal *berit*, "aliança" confirmada por uma cerimônia; Gn. 15:7-18). No sério compromisso assumido por Raabe e os espias, ficou evidente pelo juramento feito que nenhum dos lados agia por pura simpatia ou benevolência. Mais literalmente, ela disse: "Agora, pois, jurem-me pelo nome de Jeová que tal como eu fiz um *acordo-hesed* com vocês, vocês também farão um *hesed-acordo* com a casa de meu pai, dando-me um sinal de (sua) lealdade". O sinal foi o juramento com o qual confirmaram sua lealdade para com o acordo; está no versículo 14.

**14.** Os espões responderam: "Sejam sacrificadas as nossas vidas e não as suas (se não formos leais); se vocês (você e seus parentes) não denunciarem esta nossa missão, então será que, quando Jeová nos der a terra, nós cumpremos o *acordo-hesed* e seremos leais para com vocês".

**15.** Uma corda. *Hebel* (II Sm. 17:13; Jr. 38: 6-13).

**16. E disse-lhes.** Melhor, *agora, tendo dito*. Sem dúvida trocaram instruções de lado a lado (vs. 16.21) antes dos espias descerem pela janela, pois, caso contrário, seriam descobertos no ato.

**18. Este cordão de fio de escarlata.** Uma corda (*fiqwé*; cons. Cantares 4:3) feita de lã vermelha que eles avistariam na casa de Raabe e que deveria ser amarrada à janela, pela qual ela os fez descer. Serviria para os israelitas identificarem sua casa quando atacassem.

**22. Ao monte.** Rochas calcárias com 457, 2ms de altura, com muitas cavernas, 800ms para o oeste, na orla do Vale do Jordão. Estas rochas ficam apenas doze a dezesseis quilômetros ao norte das cavernas onde foram encontrados os pergaminhos do Mar Morto.

**23, 24.** Provavelmente antes do amanhecer de 3:1 os espiões transmitiram a Josué as condições deprimentes dos cananitas, dando-lhe assim a resposta ao primeiro problema. Devidamente cumpriram sua missão sem tentar dar conselhos quanto ao ataque (cons. 7:2, 3).

### **D. Atravessando o Jordão. 3:1 – 5:1.**

Atravessar o Jordão para entrar em Canaã foi uma importante crise de fé. Cerca de quarenta anos antes, Israel enfrentou a mesma crise, mas fracassou. Fugir para o Sinai via o Mar Vermelho exigiu uma medida de fé ; mas invadir Canaã via o Jordão, ficando assim obrigados, sem possibilidade de retroceder, a lutar contra exércitos e carros e cidades fortificadas, exigia fé suprema no Deus vivo (3:10). Aqui toda uma nação correu o risco de vida (cons. Atos 15:26) em total compromisso com o Senhor.

## **Josué 3**

**1. Vieram até ao Jordão.** Tão logo os espias deram o seu relatório, Josué recebeu a confirmação de que Deus estava operando. Embora ainda não soubesse como atravessar o rio, pela fé fez o acampamento se transferir para a orla do *Zor*, a estreita depressão de 45,72ms de profundidade na qual se acumulavam as águas que vinham da "floresta do Jordão" (Jr. 12:5 ; 49:19).

### **1) Preparativos Finais para Atravessar o Rio. 3:2-13.**

No fim do terceiro dia, o nono de Nisã (cons. 4:19), o povo recebeu instruções (3:2-4) para marchar de outro jeito, uma vez que a coluna de nuvem não iria mais guiá-los. **Os levitas sacerdotes**, os levitas que eram sacerdotes, não coadjuvantes (Nm. 4:15), levariam a arca, pois seria uma

ocasião solene e extraordinária (cons. Is. 6:6; 1 Reis 8:3-6). O povo devia ficar espalhado à volta da arca num raio de 914rns, para que todos pudessem ver o símbolo-guia da promessa de Jeová mais facilmente, "visto que por tal caminho nunca passastes antes" (Js. 3:4b).

**5. Santificai-vos.** Deviam se consagrar com purificação externa e devoção interna a Deus, porque ele ia realizar milagres entre eles, dando a primeira evidência pública de Sua promessa com Josué (3:7) e porque iam dar início a uma guerra santa (Nm. 31:24).

**7. Hoje.** Naquela noite, depois de começar o novo dia hebreu, ao pôr-do-sol, o Senhor recompensaria a fé de Josué revelando-lhe como atravessariam o rio. Então ele poderia anunciar à nação exatamente como o fariam (3:9-13). Isto servia para garantir que depois do acontecimento eles saberiam que a sua travessia não fora uma coincidência, mas que um Ser de vida, poder e atividade estava a defendê-los e a trabalhar para eles.

**11.** Este versículo, tomado literalmente, indica que a arca contendo a Lei escrita representava definitivamente para os israelitas a Pessoa Divina: Eis a arca da aliança! *O Senhor ('adon) de toda a terra está para seguir na tua frente através do Jordão.*

## **2) A Passagem de Todo o Povo. 3:14-17.**

No dia seguinte de manhã cedo toda a nação atravessou, todos em um só dia, apressadamente (4:10), sem dúvida centenas de milhares, ombro a ombro. Não há necessidade que procuremos duas diferentes narrativas da travessia, quando diversas declarações do capítulo 4 são devidamente interpretadas. **Pararam-se as águas que vinham de cima** (v. 16). Este difícil versículo pode ser explicado melhor traduzindo-o literalmente: *As águas que vinham de cima pararam; amontoaram-se muito longe em Adão, a cidade que fica ao lado de* (isto é, do lado do Jordão onde se localiza) *Zaretã. E aquelas que desciam* (para o Jordão de outras correntes ao sul de Adão) *para o mar de Arabá, que é o Mar Salgado, foram de todo cortadas.* Adão pode ser identificada como Tell

ed-Damiê bem ao sul da junção do Jaboque com o Jordão, cerca de 24 quilômetros rio acima do ponto onde se deu a travessia. As águas poderiam ter tido represadas até bretã (Tell es-Saidiê), 19 quilômetros mais para o norte. Um deslizamento de terra calcária, misturada com argila, existente no Zor pode ter formado uma barreira de 45,72ms de altura nas vizinhanças de Adão, bloqueando o rio (o que já aconteceu em cerca de 1266 A.D., e mais recentemente; de acordo com Garstang, em 1927, o rio ficou assim bloqueado por mais de vinte e uma horas). De qualquer forma, Deus operou um grande milagre: outras correntes de água também tiveram de ser bloqueadas; as águas pararam e depois voltaram (4: 18) quase imediatamente,- e o macio leito do rio secou no mesmo instante; mais ainda, a interrupção das águas se deu no período das enchentes.

## **Josué 4**

### **3) A Travessia Comemorada e Realizada. 4: 1-18.**

Antes que os sacerdotes levando a arca pudessem abandonar seu posto, recolheram-se pedras para dois marcos, e um deles foi levantado onde os sacerdotes se encontravam no rio.

**1. Falou o Senhor.** Antes, *aquilo que o Senhor falou*. A repetição da ordem divina - sem dúvida transmitida por ocasião de 3:7, 8, pois Josué já tinha indicado os doze homens (3:12) - foi feita aqui para introduzir a narrativa de sua execução.

**5.** Este versículo pode ser traduzido assim: *Passai à presença (isto é, vizinhança) da arca de Jeová vosso Deus, até o meio do Jordão, e tome cada um uma pedra sobre seus ombros...* Josué e os doze indicados podiam ter ficado na margem oriental do rio até que toda a multidão atravessasse.

**6,7.** O monte de pedras seria um testemunho do poder de Deus e Sua fidelidade em levar todo Israel de volta à Terra Prometida (cons. 4:21-24). Tanto o V-T- como a arqueologia testificam do freqüente uso de pedras levantadas (*massebôt*) e montes de pedras como monumentos

para comemoração 3e teofanias (Gn. 28:18; 35:14), votos ou alianças (Gn. 31:45-53; Is. 24:26), acontecimentos sobrenaturais (I Sm. 7:10-12), ou mesmo em homenagem de parentes ou tribos (Gn. 35:20; Êx. 24:4). Um altar, se fosse construído de pedras toscas (Êx. 20: 25), serviria para os mesmos propósitos (Is. 19:19; Is. 22:10, 26-34 ; cons. Gn, 12; 7; 26:24, 25 ; 35:1, 3, 7; Êx. 17:15; Dt. 27:1-8 ; Is. 8:30-35).

**9. Levantou Josué doze pedras no meio do Jordão**, exatamente no lugar onde os sacerdotes tinham ficado. Esse lugar devia ser sobre a margem oriental, onde eles puseram os pés ao entrar nas águas, pois nem 3:17 nem 4:9, 10 indicam que eles tenham entrado pelo rio adentro. Por isso o monumento devia ficar facilmente visível durante a maior parte do ano. Observe que os dois montes de doze pedras davam testemunho do fato de que todas as doze tribos estavam juntas no deserto e entraram em Canaã ao mesmo tempo.

**10. E o povo se apressou, e passou.** Esta declaração se explica retrospectivamente (isto é, *tinha se apressado*) como os sacerdotes puderam aguardar pacientemente.

**12, 13.** Os homens das tribos da Transjordânia, desembaraçados das famílias e fardos, dirigiram a travessia (1:12-18).

**14. O Senhor engrandeceu a Josué** na qualidade de líder divinamente escolhido, capacitando-o a levar o povo em segurança até o outro lado (cons. 1:5, 17; 3; 7).

**15-18.** Esta passagem dá um registro mais completo de 4:11. Traduza 4:15 assim: *Pois o Senhor falara a Josué. . .*

#### **4) O Levantamento de um Monumento em Gilgal. 4:19 - 5:1.**

O primeiro acampamento dos israelitas em Canaã, e o seu quartel general para a conquista da terra foi em Gilgal, três a quatro quilômetros a noroeste de Jericó, perto de Kirbet el-Mefjir. Como na praia oposta, aqui também as pedras foram amontoadas formando um monumento, cada uma delas sendo pequena demais para ser uma coluna individual (*massebê*). O nome **Gilgal**, contudo, que significa "círculo",

evidentemente já pertencia ao lugar, pois parece que Moisés já o conhecia (Dt. 11:30). Talvez para indicar o lugar do sepultamento de algum culto, como em Stonehenge ou Micenas, os cananitas tenham anteriormente instalado pedras esculpidas em um círculo perto de Gilgal (Jz. 3:19), de modo que os israelitas estabeleceram ali um monumento a Jeová para contrapor-se às práticas idólatras.

**19. No dia dez do primeiro mês.** Abib (Êx. 13:4) ou Nisã (Ne. 2:1), o nosso março-abril, 1407/6 A.C. Acamparam justo em tempo de selecionar o cordeiro pascal (Êx. 12: 3) para ser morto no décimo quarto dia (cons. Is. 5:10), a providência de Deus ajeitando exatamente que, quarenta anos após deixarem a terra da escravidão, eles pudessem entrar na terra prometida.

**23. Como o Senhor vosso Deus fez ao Mar Vermelho.** Estas são duas provas marcantes do poder e da misericórdia de Jeová na história da nação israelita, jamais esquecidas pelos salmistas e profetas (Sl. 66:6; 74:13, 15; 114:3, 5; Is. 50:2; Hc. 3:8).

**24. Para que todos os povos da terra conheçam que a mão do Senhor é forte.** Este propósito foi realizado de maneira extraordinária tão logo os diversos povos que habitavam na terra de Canaã ouviram as notícias (5:1).

Provavelmente confiaram que o Jordão transbordante agisse como uma barreira intransponível, pelo menos temporariamente. Mas quando souberam que fora completamente esvaziado, sua moral sofreu um colapso completo diante de tão incontestável prova de que o Jeová dos invasores era um Deus real, vivo e poderoso.

## Josué 5

### E. Renovação da Observância da Circuncisão e da Páscoa.

#### 5:2-12.

A circuncisão e a comemoração da Páscoa marcaram os estágios finais da preparação do povo escolhido por Deus para a Guerra Santa. Estando os habitantes de Canaã tomados de terror, Josué pôde permitir



que seus soldados ficassem imobilizados alguns dias por causa da circuncisão, o pré-requisito da festa da Páscoa (Êx. 12:44, 48).

**2. Facas de pederneira**, literalmente, não de bronze; embora instrumentos cortantes de pedra não estivessem mais em uso. Mas o uso de facas de pederneira para a execução desse ritual parece ter sido uma exigência (cons. Êx. 4:25). A arte egípcia descreve a sobrevivência deste costume, sem dúvida por causa do conservatismo religioso. **Passa de novo a circuncidar.** A ordem não era para os homens mais velhos, nascidos no Egito; antes, os homens de Israel, como um todo, deviam agora retornar (*shub*) a sua anterior condição de circuncisão como um povo em relacionamento convencional com Jeová. De novo pode simplesmente enfatizar a palavra *shub*, "novamente" (Keil); ou pode indicar uma circuncisão geral em alguma ocasião anterior, como a da Páscoa de Nm. 9:5, uma vez que uma multidão mista acompanhava o povo (Jamieson em JFB). O povo não negligenciou propositadamente o ritual desde que partira do Sinai, mas ao que parece, Deus proibira a sua prática porque a nação estava sob juízo. O povo se rebelara contra Jeová repetidamente, praticara a idolatria e recusara-se a entrar na terra (Nm. 14:1-10) que lhes fora prometida na aliança abraâmica (Gn. 15:18; 17:8); por isso ficou proibido de colocar sobre seus filhos o sinal da aliança abraâmica, a qual havia sido transgredida em espírito e realidade.

**9. O opróbrio do Egito** não se refere aos vexames ou escárnios a que Israel ficou exposto diante dos egípcios, nem a miséria que os israelitas suportaram como escravos no Egito, mas à suspensão do acordo contido na aliança abraâmica da qual a circuncisão era um sinal. A palavra *herpé*, "opróbrio", costuma se referir à condição de vergonha, desgraça (cons. Gn. 34:14 com referência à desgraça dos incircuncisos). Ainda que libertos da terra do Egito e ligados a Deus pela aliança do Sinai, não obstante os israelitas anularam a aliança abraâmica (condicionada à fé em Jeová) e à aliança mosaica (condicionada à obediência a Jeová) pela saudade que sentiam da adoração idólatra do Egito (Êx. 32; Is. 24:14; cons. Ez. 20:5-9; 23:3,8; Atos 7:39-42) e de seus

prazeres (Êx. 16:3; Nm. 11:5, 18; 14:2- 10; 16:13). Reconhecendo sua apostasia, Moisés exortava os israelitas a se arrependerem diante de Jeová, empregando a figura da circuncisão (Dt. 10:16). Quando pela fé o povo de Israel penetrou em sua terra prometida e demonstrou sua prontidão em aceitar os termos da aliança divina submetendo-se à circuncisão, então a vergonha da sua idolatria e sua ansiedade libidinosa proveniente do Egito foi completamente removida. **Chamou a Gilgal.** Um novo significado de "revolvimento" foi acrescentado por Israel ao velho nome, que provavelmente significava "círculo" (veja observações sobre Js. 4:19 – 5:1).

**10. Celebraram a páscoa.** Esta é apenas a terceira Páscoa registrada; a segunda (Nm. 9:5) foi comemorada no primeiro aniversário de sua instituição. Por muitos anos o povo não estivera em relacionamento convencional com Deus, e por isso não podia comemorar a Páscoa (veja Amós 5 ; 25, 26).

**11. Fruto da terra.** Os frutos ou produtos da terra comidos na forma do pão asmo (Êx. 12:14-20), e espigas tostadas ou torradas de cevada (cons. Lv. 2:14; Rute 2:14), que também constituía alimento sem fermento e fácil de preparar. Uma vez que a cevada estava à disposição deles por causa da colheita que estava em progresso no oásis de Jericó, daquele dia em diante o dom do maná cessou completamente (Êx. 16:35).

## II. Conquista da Terra Prometida. 5:13 - 12:24.

### A. Aparecimento do Divino Comandante-em-chefe. 5:13 - 6:5 .

Tal como Jeová dissera a Josué que se preparasse para o primeiro grande acontecimento a travessia do Jordão, agora Ele lhe apareceu para renovar a sua confiança e instruí-lo para o segundo grande empreendimento – a tomada de Canaã. Reconhecendo a necessidade estratégica da tomada de Jericó para os israelitas (qualquer saída através

do Jordão ficava impedida), Josué fora explorar a fortaleza ele mesmo, perplexo por causa de sua aparência inexpugnável (6:1).

**13. Um homem que trazia na mão uma espada nua.** Não uma mera visão, mas uma verdadeira aparição do Filho de Deus pré-encarnado - uma teofania (cons. Gn. 18:33; 32:24-30; Êx. 3:2-6). O Anjo de Jeová aparecia como uma personalidade, mais de acordo com as circunstâncias em que o Seu povo se encontrava: para Moisés, o Salvador de Israel, sofrendo com os seus (Êx. 3; Is. 63:9); para Josué, como o Comandante de Israel, dirigindo seu exército com a espada desembainhada, pronto para justicar Canaã. Conforme Wm. G. Blaikie comenta (Exp. B): "O Capitão dos exércitos do Senhor desembainhou a Sua espada para mostrar que o julgamento dessa gente ímpia não devia ser retardado".

**14.** Pode-se traduzir a resposta do Homem assim: *Não, pois sou eu; na qualidade de General-do-Exército-de-Jeová cheguei agora.* Em cumprimento à promessa feita a Moisés (Êx. 33:14), Deus manifestou a Sua presença com Israel, não como simples aliado mas como Seu líder. Essa guerra era *Sua*, pois a iniquidade dos amorreus se completara (Gn. 15:16; Dt. 9:5; 18:12); e os israelitas eram apenas uma divisão do Seu grande exército, junto com os Seus anjos (Sl. 148:2) e forças da natureza (Js. 10:11-14; Jz. 5:20). Assim Josué imediatamente percebeu que era apenas servo do Capitão. A narrativa da conquista (Js. 6-11) torna claro que a estratégia militar de Josué era divinamente orientada. Havia três campanhas na conquista. Levados pelo Senhor contra a parte central da terra, Israel primeiro tomou Jericó e Ai, assegurando assim a passagem para a cadeia de montanhas central e colocando uma cunha entre as regiões norte e sul de Canaã. A segunda campanha no sul derrotou então a coligação dos amorreus, e a terceira, a confederação do norte.

**15. O lugar em que estás é santo.** Compare com Êx. 3:5. Este local da Canaã conspurcada estava santificado pela presença do santo Deus.

## Josué 6

**6:1. Rigorosamente fechada.** O hebraico expressa o fato de que os defensores haviam fechado o portão, e Jericó estava incomunicável, sitiada pelos israelitas. Este versículo é um parêntesis introduzido para explicar a situação imediata de Jericó para o leitor, seguida das ordens divinas para Josué (6:2-5).

**2. Entreguei na tua mão a Jericó.** Jeová, o Comandante de Josué, prometeu a destruição divina e sobrenatural de Jericó como o penhor da tomada de toda Canaã. Josué portanto já não precisava mais planejar como tomar Jericó.

**3. Vós... rodeareis.** A execução desta ordem em absoluto silêncio, a não ser pelas trombetas (6:8), só poderia produzir o ridículo entre o inimigo, e assim seria uma disciplina de humilhação para os israelitas. O resplendor da fé da parte de Josué, dos sacerdotes e do povo luziu por uma semana no mais alto grau atingido em toda a história de Israel (cons. Hb. 11:30).

**4. Sete trombetas de chifres de camelos.** Literalmente, *sete trombetas do jubileu*. O hebraico *yobel* ("chifre de carneiro"), de origem incerta, foi usado pela primeira vez em Êx. 19:13, antes mesmo das referências feitas ao ano do jubileu (Lv. 25:8-54; 27:17-24; Nm. 36:4); parece ter um significado religioso-cerimonial, anunciando a chegada de Jeová como Rei, quer para o Seu povo a fim de completar Sua aliança ou para proclamar remissão e liberdade, ou quer para os Seus inimigos a fim de jogá-los e destruí-los. A "trombeta de Deus" (I Ts. 4:16) terá este duplo propósito quando anunciar o segundo advento de Cristo. Sete sacerdotes com sete trombetas durante sete dias significavam que o julgamento seria completo.

### **B. A Campanha Central. 6:6 – 8:29.**

Primeiro Jericó no Vale do Jordão, depois Ai na cadeia central de montanhas.

**1) Tomada de Jericó. 6:6-27.**

As provas arqueológicas de Jericó (Tell es-Sultã) não são explícitas quanto a tomada desta fortaleza por Josué. A expedição da Srta. Kathleen Kenyon (1952-1958) demonstrou que os muros paralelos da fortaleza (feitos de tijolos de barro e caídos para fora) que foram escavados por John Garstang (1930-1936) e datados do período final da Idade do Bronze (1500-1200 A.C.), pertenceram realmente a um período muito anterior aos dias de Josué. Em sepulturas ao oeste da cidade, contudo, Garstang descobriu 320 objetos do período final da Idade do Bronze, inclusive dois selos com escaravinhos de Amenhotep III (1410-1372 A.C.), como também cacos de vasos de barro desse mesmo período no canal e sobre a elevação, especialmente em fragmentos de rocha por baixo do "Edifício Central" isolado (o qual Garstang atribuiu a Eglom; veja Juízes 3: 12-30). Assim ele confirmou a ocupação do local nos dias de Josué. Garstang e Kenyon (que descobriu um pavimento com um forno e um pequeno vaso) concordavam essencialmente que a cidade anterior, habitada pelos hicsos, foi destruída e incendiada em cerca de 1560 A.C. Então o outeiro ficou vazio por cerca de 150 anos.

Uma vez que as formas de cerâmica típicas do século quinze estão ausentes, a reocupação deve ter acontecido em cerca de 1410. Provavelmente no período final da Idade do Bronze os cananitas usaram novamente a fortaleza hicsa, sobre a qual construíram o seu próprio muro de tijolos de barro. O motivo porque não se encontrou mais cerâmica do período final da Idade do Bronze deve ser porque a cidade foi novamente ocupada tão pouco tempo antes de sua destruição em 1407. Além disso, deve-se levar em conta a totalidade da destruição (Js. 6:21, 24) e a exposição da maior palme deste estrato à erosão durante os cinco séculos seguintes, até que Hiel reconstruiu Jericó (I Reis 16:34).

Nesta porção vemos o triunfo da fé. Israel executou a obra de Deus à maneira dele, por mais tola que a sua marcha possa ter parecido (cons. 1 Co. 1: 25 ).

**8.** A arca da aliança do Senhor ia atrás deles. Mencionada nove vezes em 6:6-13, a arca certamente simbolizava para Israel que Jeová estava com eles e os conduzia nessa manobra estranha.

**15.** Naquele dia rodearam a cidade sete vezes. Pode-se facilmente contornar a elevação de 2,30kms em quinze ou vinte minutos.

**17. Condenada.** *Herem*, LXX *anátema*, traduzido em 6:21 para "destruíram totalmente". *Herem* era algo irrevogavelmente dedicado a Deus, por ser hostil à teocracia e por ter-se consagrado ou associado com outra divindade (Dt. 7:25, 26; 20:17, 18 ; Pedra Moabita, linha 17). Para evitar que fosse colocada em uso, o objeto (às vezes) ou à pessoa (sempre) era excomungada e destinada à destruição (Êx. 22: 20; Lv. 27:29; Dt. 13:15-17; I Sm. 15:3, 21) através de sentença divina pronunciada pelo devidamente designado líder de Deus. Certas propriedades (Lv. 27:21, 28 ) ou objetos capturados (Js. 6:19), contudo, podiam ser anatematizados e dedicados ao uso sagrado no santuário ou dos sacerdotes (Nm. 18:14; Ez. 44:29). Só no caso de Jericó, a cidade com tudo o que continha foi completamente dedicado a Jeová (nada pôde ser considerado como presa pelo povo; mas cons. Dt. 2:35; Js. 8:27; 11:14) como as primícias da terra, como um sinal de que receberiam dEle toda a Canaã. Assim a destruição não era devida ao desejo incontido de sangue.

**18.** Traduzir: *Mas vós, abstende-vos totalmente da porção dedicada, para que não cobiceis* (de acordo com a LXX e 7:21) *e não tomeis alguma coisa da porção dedicada, colocando o acampamento de Israel em condição de dedicação, provocando* (assim) **calamidade sobre vós.**

**20. Ruíram as muralhas.** Literalmente, *o muro caiu no seu lugar*; isto é, desmoronou - com exceção da casa de Raabe. Quer Deus tenha empregado um terremoto, quer não, foi um milagre exato e perfeito.

**22-25.** Josué agiu honrosamente conforme o acordo feito pelos dois espias com Raabe (2:12-21). Raabe e seus parentes tiveram de ser colocados fora do acampamento israelita para que, na qualidade de pagãos, pudessem ser purificados da contaminação de suas idolatrias e

para que os homens pudessem ser circuncidados. O tempo determinado deveria ser de sete dias (Nm. 31:19).

**26.** A maldição foi uma proibição contra a reconstrução da fortaleza, não contra a habitação do local (cons. Is. 18:21; Jz. 3:13 e II Sm. 10:5). Cumpriu-se no reinado de Acabe, quando Hiel reconstruiu os muros à custa de seus dois filhos (I Reis 16:34).

## Josué 7

### 2) Derrota em Ai Por Causa do Pecado de Acã. 7:1-26.

Ai ficava cerca de duas milhas a leste de Betel, na berrada oriental da cadeia de montanhas central, perto de Bete-Áven (7:2). Escavações francesas (1933-1935) em et-Tell, o local geralmente identificado com Ai, revelaram um intervalo (cerca de 2000-1200 A-C-j em sua ocupação, indicando que et-Tell não estava ocupada quando Josué entrou em Canaã. Aparentemente a evidência de et-Tell favorece sua identificação como Bete-Áven, *casa da idolatria*, pois templos pagãos se encontravam no seu ponto mais alto no terceiro milênio; e no tempo de Saul existia ali uma pequena povoação, talvez desde o décimo quarto século, período em que viveu o escritor de Josué (cons, 18:12; 1Sm.13:5; 14:23). Mais tarde, Oséias aplicou o nome de Bete-Áven à vizinha Betel (Os. 4:15; 5:8 ; 10:5 ). Provavelmente et-Tell não deve ser identificada com Ai. As antigas ruínas de Ai podem muito bem fazer sob a atual povoação de Deir Dibwan logo a sudeste de et-Tell. Aiate (Is. 10:28) surgiu mais tarde, em Quirbete Haiã, menos de uma milha ao sul de Deir Dibwan e foi a Ai pós-exílica ou Aija (aramaico; Ed. 2:28; Ne. 7:32; 11:31). Seja qual for a sua exata localização, nos dias de Josué foi uma cidade fortificada, separada de Betel, com o seu próprio rei. Era lugar de estratégica importância dominando a rota principal de Gilgal à região de Betel.

Este capítulo revela como a fé de um grupo do povo de Deus pode ser solapada e estropiada pelos efeitos contaminantes de um compromisso secreto da parte de apenas um único membro. O pecado

espreita à sombra da vitória da fé ; como fermento, logo contamina tudo. Vemos também Josué como o guia espiritual que obteve a confissão do pecador com um misto de doçura e severidade (Js. 7:19, 20), para que a nação pudesse repudiar o pecado e fica livre do anátema que repousava sobre ela.

**1. Prevaricaram. . . nas coisas condenadas.** Literalmente, *cometeram um abuso de confiança em relação à porção dedicada*, pois isto era um crime contra a lei da aliança. Um único transgressor contra o *herem* (maldição) de Jericó chamou a culpa e o castigo de tal traição sobre toda a nação. Este versículo antecipa a narrativa a fim de apresentar a razão do contratempo.

**2. Espiai.** Os espiões erraram na estimativa do tamanho da população de Ai (8:25; veja comentário sobre 2:23, 24).

**5. Pedreiras** (Shebarim). *Lugares quebrados* (isto é, desfiladeiros) nos rochedos, associados à próxima garganta ao norte da outra famosa garganta que fica em Micmash (I Sm. 14: 4, 5). Trinta e seis soldados israelitas foram mortos quando foram ignominiosamente expulsos e tentaram em pânico alcançar o caminho que descia para a beira sul do wadi.

**6-9.** Como um grande general, Josué ficou desanimado com tal desmoralização logo no começo da guerra. Momentaneamente esquecendo-se de sua própria autoridade (1:5), temeu que Deus tivesse abandonado Israel. Mais que tudo, temia o reavivamento da esperança entre os cananitas e a desonra para o caráter de Deus (cons. 4:24; Nm. 14:15,16; Dt. 9:28).

**10-15.** Jeová respondeu que o revés devia-se não à Sua falta de fidelidade mas ao pecado de Israel (cons. Is. 59:1, 2). Ele revelou a realidade ou perversidade do pecado (Js. 7:10, 11), seu resultado ou derrota (7:12), e o seu remédio ou remoção (7:13, 14).

**16-18.** O ofensor, Acã, foi identificado pelo ritual sagrado de se lançar sortes, talvez cacos de cerâmica marcados e colocados em um



jarro (cons. I Sm. 10:20-24 ; 14:41, 42; Pv. 16:33). Este foi o método a ser usado na distribuição da terra entre as tribos (Nm. 26:55).

**19. Dá glória.** Por meio desta solene invocação a que falasse a verdade diante de Deus, Josué ordenou a Acã que fizesse uma confissão completa (cons. Jo. 9:24). **Dá glória.** Literalmente; por meio de uma confissão Acã renderia louvor ao Jeová onisciente revelando o segredo e reconhecendo que o julgamento fora justo.

**21. Uma boa capa babilônica.** Literalmente, *um lindo manto de Sinar*, uma vestimenta do Norte da Síria (cons. Amarna Letter n.º 35, linha 49) provavelmente tecida com fios dourados, portanto dedicada ao tesouro de Deus. Duzentos ciclos de prata. Barras ou anéis de prata, pesando o equivalente. Uma barra de ouro. Um lingote de ouro, com cerca de 25, 4cms de comprimento, 2, 54cms de largura e 1, 27cms de espessura, igual à que Macalister desenterrou em Gezer. Uma barra semelhante foi mencionada na Carta de Amarna n.º 29, linha 39.

**24-26.** Acã, ao roubar objetos consagrados, colocou-se em estado de consagração, isto é, sob pena de destruição. Qualquer um que toque no *herem* torna-se *herem* e fica conseqüentemente dedicado à morte (cons. I Reis 20:42). Toda a casa de Acã, inclusive seus filhos, foram amaldiçoados com ele (cons. Dt. 13:12-17). Vivendo na mesma tenda, não podiam deixar de ser cúmplices. Pessoas infames costumavam ser sepultados sob uma pilha de pedras (Js. 8:29; II Sm. 18:17). **O vale de Acor** (*Perturbação*, Is. 7:25), na fronteira ao norte de Judá (15:7), é provavelmente o Wadi Qelt, 1,6 kms ao sul de Jericó.

## Josué 8

### 3) O Segundo Ataque e o Incêndio de Ai. 8:1-29.

Tão logo o crime de Israel foi julgado com a morte de Acã, o Senhor restaurou o Seu favor e a fé de Israel foi reabilitada.

**1, 2.** Agora Deus já podia orientar Josué, pois ele agora estava pronto a ouvir o plano *dEle*.

**3-9.** Os homens da primeira emboscada foram enviados à noite para tomarem posição por trás de um outeiro no lado ocidental da cidade, prontos a entrarem na cidade para incendiá-la quando o grupo principal fizesse sair seus defensores. O número, trinta mil homem valentes (8:3) parece grande demais para uma emboscada que fosse realizada tão perto da cidade. R.E.D. Clark sugeriu que em determinadas passagens (por exemplo, I Cr. 12:23-27; II Cr. 13:3, 17; 17:14-19) a palavra hebraica '*elep*, traduzida para mil, tem o significado de "chefe", "oficial", um sinônimo de **homens valentes** ("The Large Numbers of the Old Testament", Victoria Institute paper for May, 1955). Assim, Josué teria escolhido trinta oficiais ou chefes de grupos, todos heróis valentes, para esta missão-comando.

**10-17.** Permanecendo aquela noite em Gilgal, Josué convocou (*wayyipqod*, "numerou") o exército cedo de manhã e avançou com os homens de 21 a 24kms para Ai (uma subida de 975ms). Fez a parte principal do exército se acampar em local visível do outro lado de um vale ao norte de Ai. Então enviou uma outra emboscada com cerca de 5.000 homens (aqui um destacamento completo, não especificados como "homens valentes") para impedir quaisquer reforços que pudessem ser enviados de Betel. (Js. 8:17 e 12:16b indicam que estes 5.000 estiveram ocupados matando betelitas. O potencial de luta de Betel foi assim neutralizado, tornando desnecessário que Israel invadisse a cidade a não ser muito mais tarde; Jz. 1:22-26) Josué passou a noite no vale, no posto mais avançado, para estar pronto pela manhã a fim de liderar o ataque.

**14. Defronte das campinas.** Ficaria melhor, *ao lugar designado na direção do Arabá* (Vale do Jordão), onde os homens de Ai venceram com sucesso os israelitas anteriormente.

**18. Estende a lança.** O instrumento de sinalização de Josué era na verdade a sua cimitarra (*kidon*), a lâmina larga que melhor refletia o brilho do sol para os trinta homens escondidos da emboscada.

**23, 29.** O rei de Ai, na qualidade de criminoso mais importante, ficou reservado para uma ignominiosa execução e sepultamento sob a

supervisão direta do líder dos seus inimigos. Sobre a ordem divina de se suspender ou empalar o corpo de um criminoso - prática antiga muito difundida - veja Dt. 21:22, 23.

### **C. Instituição da Aliança de Israel como a Lei da Terra. 8: 30-35.**

Em lugar de festejar a vitória de Ai, Josué fez uma coisa que podia parecer militarmente tola - parou para empreender uma peregrinação ordenada por Deus (Dt. 11:26-30; 27:2-13). Deus os protegeria enquanto toda a nação adorasse no local tão sagrado para os patriarcas. Ou Josué levou o povo pelo norte, uns 32kms de Betel a Siquém, ao longo da rota aproximada da atual Jerusalém - Nablus, através das montanhas cobertas de florestas (cons. Js. 17:18) quase desertas de localidades antigas, com exceção de Siló, a qual Israel fundou mais tarde; ou, mais provavelmente, uma vez que mulheres e crianças acompanhavam o exército, ele tomou o caminho mais fácil de Gilgal pelo Vale do Jordão e pelo Wadi Far'a do lado oposto ao Jaboque.

Para chegar ao imenso anfiteatro natural formado pelas grandes curvas baixadas, vinda de cada lado das montanhas, uma de frente para a outra, os israelitas tinham de passar pela fortaleza de Siquém que guardava a entrada do vale, menos de 1, 6kms para o leste. Esta cidade deveria estar em mãos de amigos (veja 20:7; 24:1). Diversas das Cartas de Amarna declaram que em cerca de 1380 A.C., Lab'ayu, o príncipe de Siquém, estava coligado aos invasores *'apiru*. Neste caso os hebreus israelitas podiam estar sendo cognominados de *'apiru*. A razão de tal amizade entre siquemitas e israelitas pode ser o fato de residirem em Siquém alguns descendentes de Jacó que deixaram o Egito em pequenos números antes da opressão (por exemplo, I Cr. 7:24, onde uma fúria ou neta de Efraim retornou a Canaã para edificar Bete-Horon, gerações antes do período de Josué.)

**30. No monte Ebal.** Ao pé deste ponto de referência no centro de Canaã. Ebal, a mais alta das duas montanhas (940ms de altitude), foi mencionada em vez de Gerizim (908ms de altitude).

Embora Moisés tivesse dado ordens antes (em Dt. 27:2.4, 8) sobre a inscrição da Lei em grandes pedras caiadas, e depois ordens sobre os sacrifícios em um altar de pedras não trabalhadas (Dt. 27:5-7; cons. Êx. 20:25), a cerimônia religiosa deveria logicamente começar com os sacrifícios (cons. Êx. 24:4.8), uma vez que a aliança estava sendo estabelecida pela *primeira* vez em *Canaã*

**32. Em pedras.** Não as do altar mas grandes colunas, tais como as estelas de 2,13ms de altura do famoso Código de Hamurabi, com suas 3.654 linhas de texto. De acordo com Dt. 27: 2-4,8, estas pedras deviam ser caiadas para receberem a inscrição. Os egípcios costumavam cair pedras antes de escrever ou pintar sobre elas com tinta preta. Diversas estelas, com cerca de 2, 44ms de altura e caiadas, foram encontradas em Biblos relacionadas com um templo datado de 200A.C. Só podemos especular sobre quanto da lei mosaica foi inscrito sobre as pedras caiadas, muito possivelmente os capítulos 5-26 de Deuteronômio. As inscrições da Rocha de Behistun são cerca de três vezes mais longas que o Deuteronômio.

**33-35.** Com os oficiais à volta da arca perto do altar, a meio caminho das montanhas e as tribos sobre as encostas, de acordo com Dt. 27:11-26, Josué proclamou a Lei à nação. Estava de acordo com o propósito divino para a conquista de Canaã que a Lei fosse consolidada no coração do país a fim de que fosse dali em diante a lei da terra, e para que Israel pudesse renovar seus votos convencionais com Jeová, seu Deus. Veja Êx. 24:4, 7; II Reis 23:2; Ne. 8, 9 onde encontramos semelhantes leituras públicas da Lei. Veja comentários sobre Josué 24.

#### **D. A Campanha do Sul. 9:1 - 10:43.**

Depois de voltar ao quartel-general dos israelitas em Gilgal no Vale do Jordão, Josué logo foi convocado para lutar contra as cidades-estados dos amorreus que controlavam o sul de Canaã. Embora os reis de 9:1,2 possam unanimemente terem planejado se unir, nunca chegaram a realizar o seu propósito de se juntarem para enfrentarem os israelitas

invasores. A deserção dos gibeonitas pode explicar o colapso de um esforço unido, de modo que só cinco cidades no sul e uma grande confederação no norte lutaram contra Josué.

## **Josué 9**

### **1) Tratado com a Tetrápolis Gibeonita. 9: 1-27.**

A fé está em perigo quando o povo de Deus deixa de Lhe submeter todas as decisões (cons. 9:14). Hoje, os cristãos devem estar alertas aos estratagemas do nosso arqu-impostor (II Co. 2:11).

**3. Gibeom.** Provavelmente a moderna el-Jib (9, 65kms a noroeste de Jerusalém, 10,46kms a sudoeste de Ai); esta grande cidade era a capital de uma república independente governada por anciãos e não por um rei (9:11; 10:2). Em 9:7 seus habitantes do chamados "heveus", aqui e em Gn. 34: 2, a LXX diz, "horreus", que podem ser identificados com os hurrianos. Eram um elemento étnico dominante no Oriente Próximo (cerca de 2300.1200), que se espalhou tão rapidamente em Canaã nos séculos décimo sexto e décimo quinto que um dos nomes egípcios para a Palestina era *Huru*.

### **a) A Fraude dos Gibeonitas (vs. 4 -15 ).**

Astutamente fazendo-se passar por embaixadores de um país distante, do outro lado do Jordão (pois eles diziam-se saber o que tinha acontecido a Seom e Ogue, mas não mencionaram Jericó e Ai. Veja 9:10), um grupo de gibeonitas pregaram uma peça a Josué por meio de sacos velhos e odres remendados, sandálias gastas e roupas rotas, e pão seco e bolorento. Deus permitiu que os israelitas recebessem o tributo de povos a uma certa distância, mas ordenou-lhes que destruíssem completamente as cidades pertencentes aos povos de Canaã (Dt. 20:10-18). Convencidos quando provaram as parcas provisões dos gibeonitas (pois o próprio ato de comer, segundo o costume do antigo Oriente, estabelecia um relacionamento amistoso mais ou menos durável), os líderes da congregação fizeram um formal tratado convencional (*berit*) com eles. "Os israelitas foram culpados de excessiva credulidade e

negligência culposa, pois não indagaram a vontade de Deus mediante o Urim e o Tumim, antes de fazer a aliança" (Jamieson em JFB; cons. Nm. 27 : 21).

### **b) Descoberta do Estratagema (vs. 1621).**

Três dias mais tarde, quando os israelitas de algum modo ficaram sabendo que seus novos vassallos moravam nas vizinhanças, eles planejaram de maneira normal o que fazer com os trapaceiros. Além de Gibeom, suas cidades eram **Quefira** (Tell Kefire, 7, 24kms a oeste-sudoeste de el-Jib, menos de 3,2kms ao norte de Abu Gosh), **Beerote** (provavelmente el-Bire, hoje uma cidade sobre a estrada Jerusalém-Nablus, 7,24kms a noroeste de el-Jib) e **Quiriate-Jearim** (Tell el-Azar, com cacos de cerâmica do período final da Idade do Bronze, imediatamente a oeste de Abu Gosh, uma cidade a 8,05 kms a sudoeste de el-Jib). Beerote ficava a apenas 4,83kms a oeste de Ai, à vista dos israelitas quando passaram por Betelf. Sendo a aliança ratificada no santo nome de Jeová, era sagrada; por isso os líderes não se atreveram a violar o juramento feito no acordo para não provocar a ira de Deus (cons. Ez. 17:12-19). Deus julgou Israel nos dias de Davi porque Saul desrespeitou este juramento (II Sm. 21:1-6).

**22-27.** A razão para a decisão dos príncipes em 9:21 dá-se aqui detalhadamente: **Chamou-os Josué . . .**

**23. Dentre vós nunca deixará de haver escravos.** Vocês nunca deixarão de ser ou de fornecer escravos, trabalhando como cortadores de lenha e carregadores de água para o Tabernáculo (Dt. 29:11). Josué chamou não impropriamente esta estrutura de **a casa do meu Deus**; foi denominada "templo" (*hekal*) no tempo de Eli (I Sm. 1:9). Na verdade, foi a maldição de Josué, não de Deus. Sendo destacados para o serviço perpétuo na casa de Deus, Ele os abençoou. Para proteção de Gibeão, o Senhor realizou um grande milagre (Jos. 10:10-14), e anos mais tarde o Tabernáculo foi armado ali (II Cr, 1: 3). Durante sessenta e sete anos ou mais, Deus deixou que a arca ficasse em Quiriate-Jearim (I Sm. 7:1, 2 ; II Sm. 6:23, 3). Tendo Josué feito (de *natan*, "dar") deles rachadores de

lenha, etc. (Js. 9:27), foram mais tarde chamados de netinim (dados para o serviço do Templo; I Cr. 9:2; Ed. 2:43, 58; 8:20; e pela providência de Deus voltaram do Exílio junto com os sacerdotes e levitas.

## **Josué 10**

### **2) Destruição da Coligação dos Amorreus. 10:1-43.**

O rei de Jerusalém, o mais próximo da tetrápolis gibeonita, assumiu a liderança na convocação de aliados para punir os heveus pela sua traição e evitar que os israelitas tomassem suas cidades.

**1. Adoni-Zedeque** é quase sinônimo de Melquisedeque (Gn. 14:18), ambos nomes bastante comuns ou títulos de reis jebuseus. Os jebuseus (Js. 15:63) eram uma mistura racial de amorreus, heteus (isto é, hatians não indo-europeus) e hurrianos, conforme Êx. 16:3 e o nome Araúna (palavra hurriana para "o rei") em II Sm. 24:18, 23 indicam. Adoni-Zedeque devia ser um predecessor de Abdi-Eba, rei de Jerusalém nas Cartas de Amarna. Meredith Kline declarou lucidamente (em seus artigos sobre os Habiru em WTR, XIX, XX) que de modo geral os habiru (*'apiru*), soldados mercenários com seus carros, infiltrando-se da Síria em socorro dos reis cananitas que se rebelaram contra o Egito, não podiam ter sido identificados com os israelitas nem incluir (exceto possivelmente perto de Siquém) a massa dos israelitas vindos da Transjordânia para destruir os cananitas e formar uma nação.

De acordo com as Canas de Amarna, lá por 1375 A.C., havia apenas quatro principais cidades-estados independentes ao sul da Palestina – Jerusalém, Shuwardata, Gezer e Laquis (as duas últimas hostis a Jerusalém). Jarmute e Eglom eram governadas por oficiais egípcios. Nos dias de Josué, contudo, contando Jericó. Ai, Betel, Gibeom e as cidades dos outros reis cananitas do sul, mencionados em Is. 12:9-16, havia cerca de vinte cidades-estados. Mas antes do período de Amarna, Israel já tinha tomado muitas destas cidades deixando as outras com suspeitas mútuas.

**3. Hebrom.** A cidade antiga evidentemente ficava sobre Jeber er-Rumeidi, exatamente a oeste da atual cidade, a 30kms ao sul de Jerusalém. **Jarmute.** Quirbete Yarmuque, 25kms a sudoeste de Jerusalém. **Laquis.** Tel ed-Duweir, 43kms a sudoeste de Jerusalém. Eglom. Talvez Tell el-Hesi, mais de 11kms a oeste de Laquis.

**a) A Batalha de Um dia Extraordinário (vs. 6-21).**

A importância histórica desta vitória tem sido comparado com a da Batalha de Maratona (Blaikie). Quando os gibeonitas pediram ajuda urgente, os israelitas sentiram-se obrigados por causa do acordo feito (veja comentário sobre 24:1) a virem em sua defesa. Incentivados pelo Senhor (10:8; cons. 1:5), Josué liderou uma marcha forçada à luz da lua desde Gilgal, talvez subindo pela estrada Jericó-Jerusalém, pelo menos uns 40kms, a fim de impedir a retirada para estes fortes amorreus mais próximos (Maunder, em ISBE). Conseguiu surpreender os amorreus que iam atacar ao nascer do dia e matá-los, perseguindo-os na direção noroeste via **Bete-Horom** até Shefelá. Os amorreus fugiram para o sudoeste ao longo dos vales que separam os contrafortes do maciço central, para **Aseca** (Tell ez-Zakariyeh, que guarda o Vale de Elá, cerca de 5 Kms a oeste de Jarmute) e **Maquedá** (possivelmente Quirbete el-Heishum, 3kms a noroeste de Jarmute), tentando em vão alcançar Jarmute (10:3), cerca de 32kms a pé desde Gibeom.

O Senhor aumentou o pânico (10:10) enviando uma chuva de pedras fatal sobre os amorreus, quando fugiam perfazendo os 3kms pelo declive abaixo, ao longo da cadeia de montanhas entre Bete-Horom Superior (alt. 616ms) e Bete-Horom Inferior (366ms). Os versículos 11-14 não descrevem um incidente subsequente aos acontecimentos dos versículos 10,11; antes, são parte de um extrato (10:12-15) do Livro de Jashar introduzido para destacar as circunstâncias mais notáveis além da chuva de pedras enviada por Deus. Semelhantemente ao Livro das Guerras de Jeová (Nm. 21:14-18), o Livro de Jashar era uma coleção de hinos, entremeadas de observações históricas explanatórias, louvando os



heróis de Israel; os hinos deviam ter sido progressivamente acumulados (cons. II Sm. 1:18).

A interpretação costumeira do milagre descrito aqui é que Deus prolongou a luz do dia por quase um dia inteiro (v. 13) para permitir aos israelitas que terminassem de perseguir o inimigo. Contudo, se a luz do sol foi prolongada por dez, doze ou mais horas, de modo que todo o Oriente Próximo observasse o fenômeno – um milagre ainda mais espetacular que a travessia do Mar Vermelho e o Rio Jordão – então parece estranho que apenas uma outra referência ao acontecimento (Hc. 3:11) se encontre no V.T. Deus não exhibe seus poderes milagrosos imprudentemente, pelo contrário, Ele solta Seu poder em medida suficiente apenas para atingir Seu alvo desejado, só à vista daqueles que assim poderiam aprender a reconhecê-Lo se assim quisessem.

O que Josué supunha necessário para suas tropas que perseguiram o inimigo, já cansadas de sua escalada noturna, era alívio do sol inclemente no céu de verão desprovido de nuvens. (Até o presente episódio a conquista de Canaã efetuou-se tão rapidamente, depois da Páscoa em Gilgal, que apenas alguns meses deveriam ter-se passado.) Uma interrupção da luz do sol em plena estação das secas teria sido um milagre suficiente. Deus atendeu muito além do que Josué poderia ter pedido ou pensado, enviando não apenas a sombra desejada para refrescar o Seu exército, mas também uma devastadora chuva de pedras para esmagar e retardar o Seu inimigo. Qualquer tempestade que surgisse na época da colheita pelo verão adentro era considerada juízo de Deus (veja I Sm. 12:17).

A verdadeira explicação deste milagre, contada em antigo estilo poético oriental, inclina-se a confirmar a idéia de que Josué estava ansiando por um alívio do sol. A palavra *dom*, traduzida para **detém-te** (v. 12b), significa basicamente "fique quieto, silencioso ou parado"; e então "descanse" da atividade costumeira, como em Jó 30: 27, 31: 34; Sl. 35:15; 37:7. Lm. 2:18. Robert Dick Wilson demonstrou que a raiz *dm* nos textos astronômicos cuneiformes da Babilônia significa "escurecer".

Assim diz-se que o sol está "em silêncio" quando não está brilhando, como no *Inferno* de Dante, linha 60; as "palavras" ou "a fala" do sol são o seu resplendor e calor universal (Sl. 19:2-6). Do mesmo modo o sinônimo '*amad*, traduzido para **se deteve** (v.13a) e **parou** (v. 13b) freqüentemente tem o sentido de "cessar" (Gn. 30: 9; II Reis 4: 6; Jn. 1:15). Josué 10 12-14 poderia então ser traduzido assim: "Então Josué falou a Jeová, no dia em que Jeová entregou os amorreus aos filhos de Israel; e ele disse diante dos olhos de Israel,

"Oh! sol, fique calado em Gibeom, e você lua, no Vale de Aijalom". E o sol ficou calado e a lua parou (de brilhar), até que a nação se vingou dos seus inimigos - Não está escrito no Livro de Jashar? - Pois o sol parou (de brilhar) no meio do céu, e (isto é, embora) não se apressou a pôr-se o dia todo. E não houve um dia igual antes ou depois daquele, no qual Jeová atendeu à voz de um homem; pois Jeová estava lutando por Israel".

Evidentemente Josué fez o seu pedido quando o sol se levantava sobre Gibeom no oriente e a lua se punha no Vale de Aijalom (Wadi Selman, o qual emerge dentre as montanhas a 1,6kms ao sul do Bete-Horom Inferior) antes que alcançassem o Bete-Horom Superior. Portanto ele orou *antes* da chuva de pedras.

**15.** Se não omitirmos este versículo completamente, seguindo a LXX, ele pode ser considerado como a conclusão da narrativa resumida do Livro de Jashar. Pois de acordo com a parte principal da narrativa. Josué acampou em Maquedá (10:21) e não retornou à Gilgal até terminar esta campanha (10:43).

#### **b) Os Cinco Reis Enforcados (vs. 22-27).**

Provavelmente foi no dia seguinte ao árduo dia que Josué mandou arrastar os reis para fora da caverna na qual tinham se escondido (10:16-27).

**24. Ponde o vosso pé sobre o pescoço.** O símbolo antigo de completa subjugação, constando freqüentemente dos monumentos dos

reis do Egito e da Assíria, foi aqui representado pelos chefes militares de Josué (cons. I Reis 5:3; Sl. 8:6; 18:38-40; Is. 49:23).

### **c) A Conquista da Palestina do Sul (vs. 28-43).**

A esta altura o método usado por Josué na guerra, parece ter sido uma série de incursões relâmpago contra as cidades-chave dos cananitas, com o propósito de destruir a capacidade de luta dos habitantes e não necessariamente a captura e a ocupação das cidades ocupadas (10:19, 20). Quando o rei de Gezer e seus exércitos foram destruídos (10:33; 12:12), Josué não atacou esta cidade (16:10). O mesmo aconteceu com Betel (veja comentários sobre 8:10-17). No final da campanha ele retornou com todo o seu exercido a Gilgal (10:43), não deixando nenhuma guarnição militar e por isso Hebron e Debir tiveram de ser recapturadas mais tarde (15:13-17). Por causa disso Yehezkel Kaufmann, da Universidade Hebraica, denominou as campanhas de Josué de "guerras de destruição e exterminação, não de ocupação por meio de imediata colonização" (*Biblical Account of Conquest of Palestine*, pág. 86).

Considerando que Josué não gastou tempo suficiente em cidade alguma para empregar táticas de cerco (10:31-35) – embora Moisés tivesse instruído Israel relativamente aos cercos (Dt. 20:10-20) – parece provável que ele não tentasse assaltar os muros das cidades e certamente nem as cidadelas interiores. O poderoso exército de Tutmose III tomou finalmente Megido só após um cerco de sete meses. Não há mais registro de intervenções divina como em Jericó, cuja defesa Israel não poderia esperar destruir por meio de um ataque frontal. Por conseguinte, Josué deve ter se concentrado nas cidades dependentes vizinhas - todas as suas cidades (Jos. 10:37,39), e a seção residencial de cada cidade principal abaixo e fora das fortificações. Para ter uma oportunidade de matar o rei e seus defensores, Josué sem dúvida dependia de uma "tropa de choque" da parte deles, como em Ai; ou ele talvez esperasse que as perdas da batalha anterior e a moral abatida tornasse sua resistência insignificante. Esta teoria sobre as táticas militares de Josué parece estar confirmada em

11:13. "Tão-somente não queimaram os israelitas as cidades que estavam sobre os outeiros (*tel*), exceto a Hazor". Portanto a maior parte destas cidades poderiam ter sido rapidamente restabelecidas pelos cananitas, talvez até mesmo pelos sobreviventes das cidadelas de cada cidade; mais tarde, as tribos separadamente tiveram de subjugar-las uma a uma durante o período dos Juizes (cons. Jz. 1).

**31. Laquis.** A cidade do período final da Idade de Bronze existente sobre Tell ed-Duweir foi incendiada em cerca de 1230 A-C-, talvez pelo Faraó Merneptá, mas certamente não foi por Josué (cons. 11:13). O fim, contudo, do mais antigo dos três sucessivos santuários edificadas em um antigo fosso fora da cidade pode constituir uma prova da incursão de Josué. Este "Templo I" pertencia ao século quinze.

**38. Debir.** Também chamada Quiriate-Sefer (15:15) e Quiriate-Sana (15:49). Kyle e Albright localizaram Debir em Tell Beit Mirsim, mias provas arqueológicas desse local irão se harmonizam com a colocação do Êxodo no século quinze. J. Simons sugere por sua vez Quirbete Terramé (8kms a sudoeste de Hebrom) com suas fontes em notáveis diferentes altitudes como sendo "as fontes superiores e as fontes inferiores" de 15:19 (*The Geographical and Topographical Texts of the Old Testament*, pág. 282).

**40.** Leia-se: *Assim Josué feriu toda a terra, a cadeia de montanhas e o Neguebe e o Shefelá e as íngremes vertentes . . .* O Neguebe é a região do deserto ao Sul da Palestina; o Shefelá é o contraforte entre o Maciço Central e a Planície Filistéia; as íngremes vertentes (*ha'ashedot*) são aquelas que descem do Maciço Central para o Mar Morto.

**41. Gósen.** Uma cidade (15:15) nas montanhas ao extremo sul de Judá, que junto com Gibeom serviu para delinear a extensão sul-norte desta campanha.

## Josué 11

### E. A Campanha do Norte. 11:1-15.

A notícia das vitórias israelitas no sul alarmaram os reis cananitas do norte. Convocados por Jabim, rei de Hazor (veja 11:10b), juntaram suas forças e acamparam junto às águas de Merom. Enquanto rito Josué e os soldados marchavam sem impedimentos para o oeste solitário do Vale do Jordão, Bete-Seã (17:16) devia ter apenas uma guarnição nessa ocasião (Cartas de Amarna, n.º 289). Outras cidades, mais ao norte, aliadas de Jabim, ficaram sem defesa. Assim a aguda investida de Josué apanhou os confederados completamente desprevenidos.

**1. Jabim** (*o inteligente*). Outro rei usando o mesmo nome dinástico ou título hereditário reinava sobre Hazor nos dias de Débora e Baraque (Juí. 4:2). É uma declaração temerária afirmar que as duas histórias são apenas variantes da narrativa do mesmo acontecimento. **Hazor** (Tell el-Quedá, cerca de 8kms a sudoeste do Lago Hulé) no período final da Idade de Bronze cobria mais de 69 hectares e tinha provavelmente 40.000 habitantes. Era a maior e a mais famosa cidade daquele tempo na Palestina. Sua última fase tem sido arqueologicamente datada do século treze A.C.; a destruição descoberta pelos escavadores deve ter sido àquela mencionada em Jz. 4:24. Uma vez que as ruínas revelam contínua ocupação cananita desde o século vinte até o treze, os cananitas devem tê-la reconstruído logo depois que Josué a incendiou (Jos. 11:11). **Madom**. Qarn Hattin (*os chifres de Hattin*) nos altos a oeste de Tiberias. **Sinrom**. Ou Sin'on (conforme a LXX, Carta de Amarna n.º 255 e ostraca egípcia), 6,5kms a oeste de Nazaré. **Acasfe**. Tel Keisan na Planície de Acco.

**2.** Leia-se: "E aos reis, que estavam ao norte na região montanhosa (isto é, a Galiléia Superior), e no .Arabá ao sul de (ou, perto de) Quinerete (isto é, a Planície de Genesaré, Mc. 6:53), e no Shefelá (isto é, nas vertentes entre a Samaria e o Carmelo, incluindo Megido e Taanach; cons. Js. 11:16), e na região de Hills-of-Dor até o oeste (colinas costeiras baixas parecidas com dunas destacam-se entre o Dor e Athlit)" - Baly, págs. 24, 132. **Quinerete**. Tell el-'Oreimeh, tomada por Tutmose II, 3,2kms a sudoeste de Cafarnaum.

**3. E aos heveus ao pé de Hermom, na terra de Mispa.** Colônias hurrianas a veste do Monte Hermom no Vale do Líbano (a parte sul do Beqa' libanês, contendo o Rio Leontes; cons, 11:17; Jz. 3:3). **O vale de Mispa** (11:8) contém os principais afluentes do curso superior do Nahr el-Hasbani, uma fonte do Jordão. Mispa e Baal-Gade (11:17) ficavam lado a lado, cerca de vinte e três milhas a leste do Sidom,

**5. As águas de Merom.** Não o Lago Huleh. A LXX dá *Marron*. Muito provavelmente ficava sobre a pequena planície, junto a copiosa fonte, entre as modernas cidades de Meirôn e Safed, cerca de 9,65kms a sudoeste de Hazor; um wadi brota na fonte e corre 14,5kms para o sul na direção do Mar da Galiléia e Quinerete.

**6.** Com quanta graça Deus encorajou Josué a atacar o inimigo aparentemente invencível por meio do Seu poder no dia seguinte! Os israelitas teriam acampado na Planície de Genesaré naquela noite. Deus ordenou que estropiassem os cavalos e queimassem os carros dos cananitas, para que Israel não colocasse a sua confiança em superiores armas militares em vez de confiar nEle (cons. Dt, 17:16; Sl. 20:7; Is. 31:1). Além disso, empregar tal equipamento exigiria um exército profissional como a classe do *maryannu* entre os cananitas (cons. I Sm. 8:11, 12). Mais tarde, o culto às divindades assírias em Jerusalém envolveram rituais idólatras com cavalos e carros (II Reis 23:11).

**8. Grande Sidom.** A maior cidade continental de Sidom defronte das ilhotas com a cidade-ilha da Pequena Sidom (cons. Taylor Prism of Sennacherib). **Misrefote-Maim**, Khirbet el-Mushreifeh, exatamente ao sul do promontório conhecido como "a escada de Tiro", Assim os inimigos fugiram para o norte, para o oeste e para o nordeste (veja comentário sobre 11:3).

**11. Feriram à espada.** Literalmente, *enterraram a espada até a boca*, isto é, até o punho, completamente. A pequena espada (*hereb*), arma principal dos israelitas. tinha uma lâmina de bronze de 25 a 30cms de comprimento que saia de um punho geralmente na forma de um leão com a boca aberta (cons, Ap. 19:15). O punho do *hereb* de Eúde tinha

duas bocas, com um comprimento total de 45,72cms (Jz. 3:16. Veja BASOR, n.º 122, págs. 31 e segs.), O exército de Josué também usava cimitarras (Js. 8:18; veja comentários), arcos e flechas (24:12), e sem dúvida fundas com pedrinhas redondas (Jz. 20:16), espadas ou lanças (Nm. 25:7, 8) e dardos (I Sm. 18:10, 11).

### **F. Resumo da Conquista. 11:16-23.**

"As batalhas de Bete-Horom e Merom foram decisivas, e a força dos cananitas para resistirem aos invasores foi arruinada. Toda resistência organizada foi destruída e **a terra repousou da guerra** (v. 23) no sentido de que não foram mais necessárias batalhas de campo" (Blair, NBC, pág. 232). Mas estas batalhas, mais as operações de guerrilhas levaram "muito tempo" (11:18), cerca de sete anos. de acordo com 14:7, 10. Coragem e perseverança. ambas foram essenciais na posse de toda a terra (cons, 13:1; 23:5-13), na tomada dos fortes isolados (cons. 15:63; 17:12, 16, 18; Jz. 1). Esta cansativa atividade tornou-se a responsabilidade muito negligenciada das tribos individuais.

**16. A região montanhosa de Israel.** A mais alta montanha de toda Canaã (portanto, em todo Israel) tem 1,208ms de altitude. É Jebel Jermaque, exatamente a oeste de Meiom. Este termo, portanto, não é necessariamente uma prova de Josué ter sido escrito durante a monarquia dividida.

**17. Desde o monte Halaque, que sobe a Seir.** Jebel Halaque (a montanha calva), cujo maciço o Maalé-Acrabim (*Subida dos Escorpiões*, "O Passo dos Escorpiões"; 15:3 ; Nm. 34:4) sobe zigue-zagueando desde o Wadi Fiqreh, 37kms a sudeste de Berseba, Seir, a terra natal dos idumeus antes da monarquia, ficava no Neguebe Central, a oeste do Arabá, entre Cades-Barnéia e o Passo dos Escorpiões (veja Js. 15:1, 21), Assim Israel tinha de ir para o sul partindo de Cades-Barnea e o Monte Hor até Eziom-Geber, a fim de circundar Seir, antes de marchar na direção norte subindo o Arabá até Moabe (Nm. 21:4; Dt. 2:1-4, 8).

**20. O endurecimento dos seus corações.** Uma expressão revelando a operação soberana de Deus na confirmação dos corações dos homens não arrependidos na sua obstinação antes de julgá-los (cons. Êx. 4:21; 7:13, 14; 9:12; 14:17; Is. 6:10; Jo. 12:40; II Ts. 2:10-12).

**21,22. Os enaquins.** Josué quase exterminou esse povo, que era formado de descendentes de uma raça de gigantes (*'ānaqîm*, "os de pescoço comprido", isto é, altos), ou imigrantes de Anaku, uma terra na região do Egeu mencionada em uma tabuinha de caracteres cuneiformes de Assur. Possivelmente os enaquins são mencionados em um texto egípcio de maldições (ANET, pág. 328). Habitaram o sul de Canaã, especialmente o Hebrom (Dt. 2:10, 11, 20, 21; Is,14:11,15; 15:13,14). Só em Gaza, Gade e Asdode ficaram alguns, os ancestrais de Golias, e outros (II Sm. 21:16-22). Talvez fossem especialmente mencionados aqui porque foram os homens que aterrorizaram os espias de Israel há quarenta anos atrás (Nm. 13:22-33).

## Josué 12

### G. Apêndice: Catálogo dos Reis Derrotados. 12:1-24.

#### 1) Aqueles a Leste do Jordão. 12:1- 6.

Os territórios de Siom e Ogue, conquistados sob a liderança de Moisés, estão aqui delineados. Veja Nm. 21; Dt. 2:24 – 3:17.

#### 2) Aqueles a Oeste do Jordão. 12:7-24.

Os trinta e um reis conquistados por Josué em suas três campanhas, ou em subseqüentes batalhas isoladas, eram príncipes autônomos de cidades-estados com autoridade local apenas, As Cartas de Amarna escritas por tais governadores fantoches aos Faraós do Egito em cerca de 1400-1360 A.C. também revelam numerosas cidades-estados na Síria e Palestina. Não há nenhuma declaração que diga que Israel ocupou as cidades de todos esses reis. As divisões topográficas de 12:7, 8 são aquelas de 10:40 e 11:16, 17.

#### 3) Reis ao Sul de Canaã. 12:9-16.

#### 4) Reis ao Norte de Canaã. 12:17-24.



**Tapua** (v. 17a) é mais provavelmente a cidade citada em 16: 8 e 17:7, 8, no local de Jiliuliê, 5,63kms a norte de Antipatris pelo Wadi Caná, do que o Tapua de 15:34, provavelmente Beit-Netif a leste de Azecá. **Hefer** (v. 17b ) pode ser et-Tayibê. cerca de 16,09kms a oeste de Samaria, sobre a Via Maris, a Estrada de Rodagem do Mediterrâneo tantas vezes usadas pelas expedições militares dos egípcios. A estrada corre ao longo da orla oriental da Planície do Sharom, que naquele tempo era cheio de pântanos e densamente arborizada. **Afeque** (v.18a; I Sm, 4:1; 29:1) é Ras el-‘Ain (Antipatris; veja Atos 23:31), 14,48kms a leste de Jope, nas nascentes do Rio Yarkon (Js. 19:46), tomada por Tutmose III e Amenhotep II. **Lasarom** (v. 18b). Na LXX 12:18 lemos: *O rei de Afeque do Sarom*; portanto só um rei foi mencionado aqui. **Sinrom-Merom** (v. 20a) de acordo com a LXX, representa dois reis – o rei de Sinrom (11:1) e o de Marom (11:5). Assim, com apenas um rei mencionado em 12:18 e três em 12:20, o numero de trinta e um reis continua em vigor. *O das nações em Gilgal* (v. 23b) está incompreensível na sua forma. Na LXX lemos, *O rei de Goim de Galil*. Esta é mais provavelmente uma referência a Harosete-dos-Gentios (**Goim**) de Jz. 4:2, uma cidade na região da Galiléia, provavelmente habitada por algum Povo dos Mares vindo da região do Mar Egeu. **Tirza** (v. 24) é mais provavelmente a primeira capital do Reino do Norte (I Reis 14:17; 15:21,33; 16:6-23), provavelmente localizada em Tell el-Far'ah, 9,65kms a nordeste de Siquém, Este rei atendeu à convocação de Jabim (Js. 11:1-3) ou então foi atacado na volta de Josué quando vinha de Hazor, ou foi morto subseqüentemente em uma batalha isolada.

### III. Divisão da Terra Prometida. 13:1 – 22:34.

Esta grande porção de Josué apresenta com detalhes geográficos a distribuição da terra feita entre as tribos, com os limites das futuras possessões das tribos e geralmente com uma enumeração das cidades nelas contidas. Conforme Kaufmann argumentou, a distribuição da terra

foi um ato de política nacional feita pelas tribos que conquistaram Canaã, começada enquanto os israelitas ainda se encontravam em seu acampamento base em Gilgal (op. cit., pág. 25).

É importante reconhecer que as tribos ainda não tinham colonizado suas porções quando estas listas foram esboçadas, Na verdade os danitas não se estabeleceram permanentemente em seu território designado; Efraim não conquistou nem colonizou Gezer (16:3, 10; 21:21); e os benjamitas jamais conquistaram ou desfrutaram da ocupação exclusiva de Jerusalém, embora esta cidade fosse destinada a Benjamim (18:28). Além disso, o fato de Ofra e Ofni, cidades pertencentes a Benjamim (18:23, 24), ficarem a 4,8kms ou 6,4kms ao norte da fronteira de Efraim, aponta para um período precoce antes de qualquer problema tribal. Assim as listas dos territórios tribais não podem ser listas de cidades e distritos dos reinos de Judá e Israel, quer do período de Josias (de acordo com Alt, Noth, Mowinckel) quer do período de Josafá (de acordo com Cross, Wright, considerando Isa. 15:21-62; JBL, LXXV, Sept., 1956, 202-226). Muitas das cidades e suas vilas relacionadas nestes capítulos não foram tomadas pelos israelitas durante séculos. E algumas das localidades relacionadas poderiam estar desabitadas e só colonizadas pelos israelitas muito tempo depois da distribuição da terra.

Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés já tinham recebido seus territórios de Moisés na Transjordânia (Nm. 32:1-42; Is. 13:8-33). O retorno de seus soldados depois de ajudarem a conquistar Canaã foi descrito no capítulo 22. No cumprimento das bênçãos tribais pronunciadas por Jacó (Gên. 49) e Moisés (Dt. 33), a divisão principal da Terra Prometida foi entre as tribos de Judá e José; a distribuição divinamente orientada feita às outras tribos dependia desta divisão básica.

A tribo de Judá recebeu o território ao sul de Canaã porque com Judá estava associado Calebe, que reclamou o Hebron por herança (14:12-15). A tribo de Simeão mais tarde recebeu a sua parte com Judá porque "a parte dos filhos de Judá era grande demais para eles" (19:9). Os descendentes de José – Efraim e a outra meia tribo de Manassés –

recebeu o centro de Canaã (Samaria), evidentemente porque Siquém foi destinada a José por Jacó (Gn. 48:21, 22; Is. 24:32), Siló, onde estava localizado o Tabernáculo (18:1), ficava no território de Efraim, sendo escolhido este sítio estratégico na região montanhosa por causa de sua defensibilidade e sua localização central para todas as tribos.

Entre Judá e Efraim, mais tarde foi concedido um território a Benjamim (18:11-28) e, na direção do Mediterrâneo, para Dã (18:40-48), As tribos restantes – Zebulom, Issacar, Aser e Naftali – tiraram sortes ao mesmo tempo pelos territórios ao norte de Manassés nas regiões de Jezreel e Galiléia (19:10-39). Além das porções tribais, foram indicadas cidades de refúgio e as cidades dos levitas (20:1 – 21:42). O método de distribuição da terra para as sete últimas tribos foi o de lançar sortes diante do Senhor (18:6; veja comentário sobre 7:16-18). As seções, com suas fronteiras, sem dúvida foram predeterminadas a seguirem ao longo de linhas naturais de defesa segundo uma comissão especial, escolhida para delinear a terra restante (18:4-9).

A partilha da terra não foi tarefa fácil, mas complexa, que exigia orientação cuidadosa e considerável período de tempo.

## Josué 13

### A. Deus Ordena que se Divida a Terra. 13:1-7.

**1. Era Josué . . . já idoso, entrado em dias.** Ficaria melhor, *Josué tinha envelhecido e estava entrado em anos*, pois considerando que aproximava-se de cento e dez anos de idade em 23:1 (veja 24:29), ele devia ter noventa ou cem anos nesta passagem. A partilha, como também a tomada da terra, fora incluída na tarefa de Josué (1:6). Portanto, sua idade avançada fornecia razão especial para que logo se entregasse ao desempenho desta obrigação – isto é, dividir a terra de Canaã entre as tribos de Israel, não apenas as partes já conquistadas mas também aquelas ainda a serem subjugadas (Jamieson em JFB). Josué teve de se conformar em ver a sua tarefa da conquista, para a qual o Senhor o comissionara, ainda por realizar, a fim de que Deus pudesse desenvolver

a energia e a coragem de cada tribo em particular, Os povos e regiões ainda a serem conquistados estão discriminados (13:2-6).

**2b-4a.** Traduzido e pontuado: *Todas as regiões dos filisteus e dos gesuritas (desde Sior, que está deste lado do Egito, na direção do norte até a fronteira do Ecrom, que se considera como dos cananitas; são cinco tiranos dos filisteus, o de Gaza, o de Asdode, o de Asquelom, o de Gade e o de Ecrom), e dos aveus ao sul- toda a terra dos cananitas e as cidades que pertencem aos sidônios.* Só aqui em Josué foram mencionados os filisteus; pois este povo de Creta ("Caftor", Amós 9:7) não invadiu a Palestina em grande número antes de 1200 A.C., de acordo com os registros egípcios. Em Js. 11:22 são os enaquins, não os filisteus, que habitavam as cidades de Gaza, Gade e Asdode que vieram a ser mais tarde dos filisteus. Os filisteus não estão relacionados em 12:8 entre os habitantes da terra. Ainda estavam confinados à região costeira do Neguebe (Êx. 13:17), perto de Sior (Wadi el-Arish), na mesma região onde os precursores dos filisteus foram encontrados no período patriarcal (Gn. 21:32; 26:1). Foram colocados em pé de igualdade com os gesuritas (I Sm. 27:8) e os avins (Dt. 2:23). Seus precursores podiam bem ter sido os mercadores minoanos (cretenses), que estavam estabelecendo colônias comerciais ao redor do Mar Mediterrâneo desde 2000 A.C. Filístia foi mencionada como um precinto de Creta no Disco de Faistos, datado de cerca de 1450A.C. (JNES, XVIII, 1950, 224 -227). À luz das evidências precedentes, Js. 13:3 talvez seja uma antiga anotação amanuense para nos informar que o domínio dos cinco príncipes filisteus (*seren*, Jz. 16:5; I Sm. 5:8) no tempo de Josué ainda pertencia aos cananitas.

### **B. O Território das Tribos Transjordânicas. 13:8-33.**

**8. Com a outra.** A ordem divina a Josué termina em 13:7; este versículo diz literalmente, **Com a outra meia tribo (de Manassés) os rubenitas e os gaditas já receberam sua herança.**

## Josué 14

### C. Começando a divisão de Canaã. 14:1-15.

1) Introdução. 14: 1-5. A herança de cada tribo foi dada por meio de sortes, de acordo com Nm. 34:16-29, Na partilha, os levitas não foram considerados como uma das doze tribos, "pois o sacerdócio do Senhor é a sua parte" (Js. 18:7), sim, o próprio Deus (13: 33; Dt. 18:1, 2).

2) Calebe e Sua Prometida Herança. 14:6-15. Calebe, o grande e velho homem de Judá, o sincero líder da minoria dos doze espias (Nm. 13:30), veio humildemente a Josué em Gilgal para reclamar seu pedaço de terra prometido (Nm. 14:24, 30; Dt. 1:36). Observe que não havia rivalidade entre esses dois.

**6. Calebe, filho de Jefoné o quenezeu.** Antes do Êxodo, o pai de Calebe, que não era israelita, casara-se com uma filha de Hur da clã de Quelubai (Calebe) na tribo de Judá (I Cr. 2:9, 18, 19, 50), Ela deu a Jefoné seu primeiro filho, que recebeu o nome da família dela, Calebe. Este jovem herdou as prerrogativas de sua clã e finalmente veio a ser o chefe de sua tribo. Otniel (Js. 15:17), um parente de Calebe, é chamado de filho de Quenaz (I Cr. 4:13, 15), isto é, o quenezeu. Os quenezeus (Gn. 15:19) foram uma das tribos do Neguebe e do Monte Seir. Aparentados com os queneus, talvez fossem capacitados artífices da região do Arabá, rica em cobre.

**8.** Calebe é um exemplo digno de nota de um crente piedoso. Por causa dele ter perseverado em seguir o Senhor, Deus o manteve fisicamente forte e corajoso até a idade de oitenta e cinco anos. Ele reclamou uma gloriosa herança – o Hebron, perto da qual Abraão acampou e morreu – e estava ansioso para lutar e vencer os enaquins, para nós uma figura dos pecados íntimos e tentações externas. Na tomada do Hebron ele prestou a toda a nação serviços valiosos; mais tarde de boa vontade entregou sua cidade aos levitas e foi morar nos subúrbios (21:12).

## Josué 15

### D. O Território da Tribo de Judá. 15:1-63.

1) A Fronteira de Judá. 15:1-12. A fronteira do sul ia desde a pouco profunda baía (*lashon*, lit., "língua") ao sul do Mar Morto abaixo da península de el-Lisan, ao longo do Wadi Fiqreh, pelo sul da Subida dos Escorpiões (veja comentários sobre 11:17), ao longo do Wadi Murrah através do Deserto de Zim, pelo sul de Cades-Barnéia, fazendo uma curva para o noroeste através de diversos outros oásis até o Wadi el-Arish e o Mediterrâneo.

A fronteira do norte começava a leste na desembocadura do Jordão, dirigia-se para o noroeste através de dois sítios contendo poços (**Bete-Hogla** e **Bete-Arabá**) para os escarpas ocidentais do Vale do Jordão, no Wadi Qelt (**Vale de Acor**), onde estava a pedra da fronteira de Bohan. Ela subia pela ribanceira setentrional do Wadi Qelt, voltando-se na direção de outro **Gilgal** (Gelilôt, 18:17), porto da Subida Sangrenta (não muito longe da atual Estalagem do Bom Samaritano, na estrada que vai de Jerusalém a Jericó) ao sul do Wadi Qelt (*o rio*). Prosseguia até **En-Semes** (a Fonte dos Apóstolos, a leste de Betânia), depois passando pelo Monte da Ofensa até **Rogel** (o poço ao sul de Jebus-Zion, na juntura dos Vales de Quidrom e Hinom, I Reis 1:9). Logo ao sul de Jerusalém a fronteira subia o **Vale de Hinom** (aramaico, *Geena*) até o cume do monte (no atual posto ferroviário) separando-a do extremo norte do Vale de Refaim (**vale dos refains**, vale dos gigantes; veja II Sm. 5:18, 22). Daí a fronteira voltava-se para a direção noroeste até a fonte das **águas de Neftoa** (Js. 15:9; 'Ain Lifta) e seguia o curso da moderna estrada Jerusalém-Jafa até **Quiriate-Jearim** (veja comentário sobre 9:16.21; cons. 15:60; 1 Cr. 13:6). A oeste dessa cidade a fronteira voltava-se para o sul através de Seir (*Sores*, LXX 15; 59a; a moderna Saris), entrava no Vale de Soreque (Jz. 16:4, Wadi es-Surar) ao norte de **Quesalom** e descia até **Bete-Semes** (Ir-Semes, 19:41; Tell Rumeileh, provavelmente não habitada então, entre os Níveis IVa e IVb, uma vez que não foi mencionada no capítulo 10, nem em 15:33-36, nem nas Cartas de

Amarna). Continuava passando por Timna (Tell el-Batashi, 8kms pelo Wadi es-Surar abaixo desde Bete-Semes) até o espinhaço do monte ao norte de **Ecrom** (Khirbet el-Muqanna) no declive ao sul do wadi quando sai de Sefelá. A fronteira faz uma curva no wadi passando por **Sicrom** (Tell el-Ful, 5,63kms a noroeste de Ecrom) na ribanceira ao norte, ao longo do **monte de Baalá** (19:44; Mugar, um declive íngreme a 3,2kms a nordeste de Sicrom), até Jabneel (Jamnia, Yavneh) e a desembocadura do wadi no mar (Y. Aharoni, "The Northern Boundary of Judah", PEQ,1958, págs. 27-31).

Este método de delimitação de fronteiras – prosseguindo na ordem dos marcos topográficos, de cidade à montanha, à cidade, a rio, etc. – é quase exatamente igual ao método usado neste mesmo período da história no acordo de definição de fronteiras feito por Supliuliuma, o rei heteu, com Niqmadu de Ugarit, governador de uma cidade-estado vassalo do litoral sitio (Claude Schaefer, *Le Falais Royal d'Ugarit*, IV, 10-18).

2) A Possessão de Calebe e Otniel. 15:13-20. Este pequeno trecho de narrativa foi repetido em Jz. 1:10-15, 20.

**17. Otniel.** Com referência a sua carreira subsequente de juiz, veja Jz. 3:9-11.

**19. Um presente.** *Berakâ*, um presente tangível. como em Gn. 33:11; I Sm, 25:27; II Reis 5:15. **Deste-me terra seca.** Aqui é melhor reter o significado original de *negeb* e traduzir, *pois me colocaste em terra seca*. Quiriate-Sefer fica na orla setentrional do Neguebe. **Fontes da água.** Os *gullot* são mais provavelmente cisternas ou reservatórios formados por wadis represados. Ruínas de represas antigas ainda se encontram no Neguebe.

3) As Cidades de Judá. 15:21-63. As cidades estão relacionadas em doze distritos de acordo com sua localização dentro de quatro regiões geográficas.

a) Cidades do Neguebe (vs. 20-32). **Berseba** (v. 28) era a cidade principal do Neguebe antigamente, e continua sendo na atualidade. O outro nome, **Biziotiá**, provavelmente deveria ser traduzido, segundo a LXX, *e suas filhas* (isto é, vilas). Embora alguns nomes de lugares possam ser combinados (**Hazor-Itnã**, v. 23; **Hazor-Hadata** e **Quiriote-Hezrom**, v.25; **Aim-Rimom**, v.32), continua havendo, contudo, mais de vinte e nove. Ou o número **vinte e nove** é erro de copista, ou os nomes originalmente colocados à margem foram depois interpolados no texto.

Uma comparação entre Is. 15:21-32; 19:1-8; I Cr. 2 e 4 com a segunda metade da lista da campanha de Faraó Sisaque (II Cr. 12:2-12) descoberta em Carnaque, revela que poucos dos oitenta e cinco lugares relacionados por Sisaque no Neguebe e regiões adjacentes encontram-se nas mensagens de Josué; enquanto que muitos aparecem como nomes próprios ou de clãs nas posteriores listas genealógicas de I Crôn. 2 e 4. Portanto as listas das cidades de Josué pertencem a um período *anterior* àquele em que os descendentes de Judá e Simeão começaram a ocupar o **Neguebe**, dando seus nomes às novas colônias que existiam por ocasião da campanha de Sisaque (veja Benjamim Mazar, "The Campaign of Pharaoh Shishak to Palestine", Suplemento ao *Vetus Testamentum*, IV, 59-66).

b) Cidades no Sefelá (vs. 33-47). Quatro distritos estão incluídos na região dos contrafortes, embora no quarto (vs. 45.47) incluam-se cidades da planície litorânea apenas teoricamente sob o controle de Judá (11:22; 13:2, 3).

**36. Gedera e Gederotaim.** De acordo com a LXX, *Gedera e seus apriscos*, perfazendo quatorze cidades ao todo.

c) Cidades na Região Montanhosa (vs. 48-60). Seis distritos estão incluídos na região do Maciço Central; a quinta que aparece em uru versículo da LXX entre os versículos 59 e 60, foi omitida do texto massorético por um antigo copista. Entre as onze cidades relacionadas estão Tecoá, Belém e Etã (cons. II Cr. 11:6).



d) Cidades no Deserto (vs. 61, 62). Este é o inóspito Deserto da Judéia, descendo para o Mar Morto. Considerando que **Bete-Arabá** (15:6; 18:22) fica perto de Jericó, as três ou quatro cidades seguintes poderiam estar localizadas perto da desembocadura do Jordão ou ao longo da praia ocidental do Mar Morto ao norte de **Engedi**, e não no Buqeí'ah, um vale elevado acima e a sudoeste de Qumran.

**63.** Nem Judá nem Benjamim conseguiram expulsar os **jebuseus** de sua cidade fortificada em Siom (veja Juí. 1:21), mas os homens de Judá capturaram e incendiaram a área não residencial desprovida de muros sobre a colina a sudoeste (Jz. 1:8) e habitaram ali com os jebuseus antes que Davi tomasse o forte (II Sm. 5:6, 7).

### **E. Território das Tribos de José. 16:1 - 17:18.**

Este foi sorteado como uma só parte e mais tarde dividido entre Efraim ao sul e a meia tribo de Manassés ao norte. O território de Efraim foi esboçado primeiro porque, embora a tribo fosse menor (Nm. 26:34, 37), Jacó garantiu o direito da primogenitura a Efraim (Gn. 48:9 -20).

### **Josué 16**

1) A Fronteira Meridional (de Efraim). 16:1-4. Do Jordão passando por Naarate (16:7) pelas fontes justamente ao norte de **Jericó** ('Ain Duq e 'Ain Nu'eimeh), e penetrando na região montanhosa ao sul de **Betel-Luz** (v. 2), a fronteira ia até os domínios de **Bete-Horom** Inferior (v. 3), e descendo pelo Vale de Aijalom, passava por Gezer, ao longo da extensão desse wadi até o Mediterrâneo, exatamente ao norte de Jopa. Teoricamente pelo menos, Dã devia possuir as cidades à volta de Jope e do Rio Iarcom (19: 45, 46).

2) Território de Efraim. 16:5-10. Do Iarcom, a fronteira oriental seguia a praia ao norte de **Micmetá** (v. 6 LXX: *Ikasmom*; provavelmente Tel Arshuf, 10,45kms ao norte do Iarcom, onde havia um antigo ancoradouro). A fronteira setentrional que dava para o território de Manassés voltava-se para o sudeste a partir de Siquém (o ponto central;

cons. Sarid como o ponto central de fronteira meridional com Zebulom, 19:11, 12) até **Taanate Siló** (9,65kms leste-sudeste de Siquém no Wadi Kerad - perto do vale ao sul do Wadi Far'a) e descendo pelo Wadi Kerad a leste de Janoa (16:7; Khirbet Janum, 11,26kms a sudeste de Siquém) até **Atarote**, mais ou menos perto do monte com a fortaleza hasmoneana de Alexandre (Qarn Sartabeh; veja comentários sobre 22:10-34), descortinando o Vale do Jordão. A fronteira setentrional ia na direção do oeste descendo o rio **Cana** desde suas nascentes perto de Siquém (veja comentários sobre 17:7-9) até Jiljulyeh, a **Tapua** de 16:8; 17:7,8; 12:17. A partir dessa cidade a fronteira ia na direção noroeste ao longo de um antigo curso do Cana até Micmetá. (Veja Eva Danelius, "The Boundary of Ephraim and Manasseh in the Western Plain", PEQ,1957, 1958). A fortaleza de Gezer (cons. 10:33) foi finalmente tomada por um Faraó do Egito, que a deu a sua filha por dote quando esta se casou com Salomão (I Reis 9:16).

## Josué 17

### 3) Divisão de Clãs no Território de Manassés. 17:1-6.

1. Traduzir : *Havia* (também) *um quinhão* (em Canaã) *para a tribo de Manassés, pois era o primogênito de José.* (Portanto) **Maquir, o primogênito de Manassés**, o pai (isto é, senhor, proprietário) de (a terra de) **Gileade, sendo um homem de guerra, recebeu Gileade e Basã.**

2-6. O fato das dez porções destinadas às clãs de Manassés em Canaã terem sido realmente estabelecidas, confirmou-se muitos séculos mais tarde pela ostraca de Samaria, datada de cerca de 770A.C. Esses registros de pagamento de impostos em espécie dos diversos distritos das clãs, descobertos no palácio de Jeroboão II, incluem o nome de **Abiezer** (como um distrito; cons. Jz. 6:34; 8:2), Heleque, Siquém, Semida, Noa e Hogla (veja Nm. 26:28-34; 27:1-11; 36:1-13).

### 4) A Posse de Manassés em Canaã. 17:7-13.

7. O litoral de Manassés estendia-se desde Sior-Libnate, a enseada que fazia limites com Aser, exatamente ao sul de Dor (19:26), até

Micmetá (16:6). Este sítio fica diante de (ou, do lado oposto a) **Siquém** (*'al-penê Shekem*), isto é, olhando-se para o leste de Micmetá, através da Planície do Sarom pode-se ver o vale de Siquém entre as colinas arredondadas de Ebal e Gerizim (G.A. Smith, *The Historical Geography of the Holy Land*, pág. 1 19).

**8. A terra** ou os campos **de Tapua** ficavam ao norte das ribanceiras do Rio Cana em Manassés, embora a própria Tapua ficasse ao sul do rio em Efraim.

**9. As cidades . . . pertenciam a Efraim.** Eva Danelius (op. cit., 1958, págs. 135-142) sugeriu que se traduzisse *'arîm ha'elleh* como *'arîm ha'ela* que seguindo a LXX (edição de Margolis) ficaria assim: "O 'Arim (equivalente ao árabe *haram*, uma região isolada, santa) do terebinto pertence a Efraim entre as cidades de Manassés". Sobre o lugar sagrado com o seu carvalho ou terebinto perto de Siquém, veja 24:26 e o comentário sobre 24:25-28. Assim Siquém, a cidade de refúgio, era considerada como se estivesse no Monte Efraim (20:7).

**11. A região dos três outeiros**, isto é, o Monte Tabor, o Monte Moré e o Monte Carmelo ou Monte Gilboa (Baly, *The Geography of Bible*, págs. 173, 174), A fronteira setentrional com Aser e Issacar foi bem menos definida porque Manassés, a tribo mais forte, recebeu as fortalezas cananitas que resistiram. "Este fato deveria manifestamente despertar uma solidariedade entre as diversas tribos e evitar a desunião criando interesses comuns. Os interesses das tribos mais fortes seriam atendidos completando-se a conquista dos territórios destinados às mais fracas" (C.H. Waller, *A Bible Commentary for English Readers*, pág. 142). Escavações revelaram que a Megido cananita não se rendeu a Israel até a segunda metade do século doze A.C.

**12,13. Porquanto os cananeus persistiam em habitar nessa terra.** Isto é, estavam determinados a permanecer naquela região, Manassés não pôde expulsá-los. Jamieson sugere que "indolência, amor ao conforto e talvez humanidade equívoca, brotando de um descaso ou esquecimento da ordem divina, um decréscimo do princípio da fé e do

zelo no serviço de Deus, foram as causas do seu fracasso" (JFB, pág, 154).

5) As Tribos de José Exigem Mais Terras. 17:14-18. Josué teve diplomacia e firmeza ao lidar com seus companheiros de tribo. Não lhes concedeu porção adicional, mas estimulou-os a devastar as matas e a colonizar a região montanhosa. Que o Maciço Central já foi fortemente coberto de matas está comprovado pelas pinhas e sementes de terebinto e chifres de veados encontrados em muitas escavações e o dente de um porco-do-mato em Gezer, como também madeira de cipreste e pinho na fortaleza de Saul em Gibeá (Tell el-Full). Embora os cananeus ocupassem as melhores terras o **vale de Jezreel** (v. 16) – e possuíssem equipamento militar superior – carros equipados com projéteis afiados de ferro, sem dúvida obtidos nesse período dos heteus da Ásia Menor, – as montanhas de Efraim e Manassés estavam muito escassamente colonizadas por volta de 1400 A.C. Com exceção de Siquém e Tirza, são singularmente poucos os sítios com cidades fortificadas ou vilas cananitas do último período da Idade do Bronze, entre Betel e Ibleam. De toda aquela região, Siquém, talvez seja a única cidade cujo nome se encontra nas Cartas de Amarna. Mesmo Dotã, tomada por Tutmose III em cerca de 1479 A.C., não foi mencionada em Josué, Juizes ou nas Cartas de Amarna. Portanto esta grande região provavelmente se encontrava despovoada em 1400 A.C. Um pouco mais tarde os locais habitados aumentaram rapidamente na região montanhosa, conforme os israelitas foram aprendendo o artifício de cavarem cisternas, revestindo-as com reboco à prova d'água para armazenar a água das chuvas (Albright, *Archaeology of Palestine*, pág, 113). Assim existe uma razão para a falta de cidades nas listas de Josué 16 e 17.

## **F. Territórios das Sete Tribos Restantes. 18:1 - 19:51.**

### **Josué 18**

1) O Tabernáculo Armado em Silo e as Sortes Lançadas Ali. 18:1-10. Para estabelecer um santuário comum, os israelitas escolheram o

local de uma cidade abandonada do período médio da Idade do Bronze, em Efraim, por causa de sua localização central em relação a todas as tribos (Seilun, 16kms a noroeste de Betel, 17,70kms ao sul de Siquém). O tabernáculo servia como o núcleo da organização anfitriônica de Israel, antes da nação desejar um reino. A cidade devia ter sido intitulada Silo por Josué, por causa do uso messiânico desse título em Gn. 49:10, uma vez que a arca, simbolizando a presença de Deus, devia permanecer ali. Enquanto, de um lado, a escolha de **Silo** e a conseqüente assembléia da nação ali tenha necessariamente interrompido o processo da distribuição das porções destinadas às últimas sete tribos, estas, por outro lado, foram indolentes em sair e conquistar o remanescente da terra de Canaã. Josué teve de convocar uma comissão de vinte e um homens para uma expedição de reconhecimento, a fim de delinear a terra em sete partes,

2) Território de Benjamim. 18:11-28. A mão de Deus está evidente no lançamento da sorte para Benjamim. Este pedaço de terra entre os judaítas e joseítas serviu para duas coisas: cumprimento de Dt. 33:12, ao colocar o local definitivo do templo no território de Benjamim, e garantiu um laço de união a Israel, fazendo de Benjamim o elo de ligação entre os dois grupos tribais mais poderosos e naturalmente rivais. José e Benjamim eram filhos da mesma mãe, e as tribos de Raquel marcharam juntas desde o Sinai (Nm. 10:22-24); enquanto que foi Judá que se ofereceu como refém em lugar de Benjamim (Gn. 43:8, 9; 44:18-34).

## Josué 19

3) Território de Simeão. 19:1-9. Dando a Simeão as terras ao sul da herança de Judá, Deus começou a cumprir a maldição de Jacó com referência a Simeão (Gn. 49:7), Os simeonitas foram se parados de seus companheiros de marcha, Rúben e Gade (Nm. 10:18-20) que já tinham rejeitado Simeão, escolhendo, antes, estabelecer-se na Transjordânia ao lado dos manassitas.

4) Território de Zebulom. 19:10-16. Um distrito sem acesso ao mar na Galiléia Inferior incluindo a Nazaré no N.T. A sabedoria divina colocou Zebulom e Issacar, as tribos de Lia, ao norte das tribos de Raquel, a fim de cimentar a união de toda Israel, Judá, Issacar e Zebulom acamparam juntas no deserto (Nm. 2:3-7; 10:14-16). Esses laços persistiram durante séculos. Maria e José, por exemplo, ambos da tribo de Judá, habitavam no antigo território de Zebulom, Além disso, só os zebulonitas deram a uma cidade o nome de **Belém** (Js. 19:15) segundo uma que havia em Judá.

5) Território de Issacar. 19:17-23. O território que se estendia do Monte Tabor a oeste até o trechinho do mar ao sul do Mar da Galiléia, incluindo em sua área o Vale de Jezreel,

6) Território de Aser. 19:24-31. A região litorânea desde o Monte Carmelo ao norte, pelo menos teoricamente, até Tiro e Sidom. Inscrições de Seti I (cerca de 1310 A.C.) e de Ramessés II contém referências a um território de um povo aramado 'asarú, correspondente ao interior da Fenícia do sul, indicando assim que Aser já tinha começado a se estabelecer ali nos fins do século quatorze.

7) Território de Naftali. 19:32-39. A Galiléia Superior e Inferior Oriental, Y. Aharoni de Israel, que fez um levantamento topográfico arqueológico na Galiléia Superior, descobriu provas de numerosos pequenos povoados, todos juntos, que ele atribui aos israelitas e alguns dos quais ele diz terem começado no século quatorze ["Problems of the Israelite Conquest in the Light of Archaeological Discoveries", *The Holy Land, Antiquity and Survival*, II (1957), 146-149. Veja também no *Journal of Semitic Studies*, IV (July, 1959), 279, 280, B.S.J. Isserlin's review of Aharoni's report in Hebrew] .

8) Território de Dã. 19:40-48. Para fortalecer mais a união de Israel, Deus separou Dã de seu irmão Naftali, ambos filhos de Bila (Gn. 30:5 - 8) e de seus companheiros no deserto, Naftali e Aser (Nm. 10:25-27), localizando Dã entre Benjamim e o Mediterrâneo. Por causa disso, quando parte do território de Dã foi perdido para os amorreus na Planície

Filistéia (Jz. 1:34), alguns dos danitas apostataram e migraram para o norte, apossando-se de Lesem perto da região setentrional de Naftali (Jz,17; 18). Esta migração ocorreu necessariamente antes do surgimento das cidades-estados araméias no século doze (cons. II Sm. 10:6), provavelmente durante o Juizado de Otniel (Jz. 3:11; 18:28, 30), cerca de 1370-1330 A.C.

9) A Conclusão da Divisão da Terra. 19:49-51. Josué esteve pronto a esperar até o fim para receber a sua parte – **Tinnate-Sera** (Khirbei Tibneh, 17,70kms a sudoeste de Siló, 27,35kms a sudoeste de Siquém) no montanhoso distrito de Efraim, sua tribo.

## **G. Herança de Levi. 20:1 - 21:42.**

### **Josué 20**

1) Estabelecimento das Cidades de Refúgio. 20:1-9. Todas essas seis cidades eram cidades levíticas, provavelmente consideradas uma sagrada oblação (*teruma*, Ez. 45:1) feita a Jeová para uso dos seus levitas, e portanto propriedade divina, onde os homicidas podiam ser colocados sob a proteção da graça divina (veja Nm. 35:9-34; Dt. 4:41-43; 19:1-13). As cidades de refúgio foram estabelecidas para proteção do antigo direito de vendetta (vingança de sangue) contra o homicida que tivesse morto uma pessoa acidentalmente, sem premeditação. Chegando ao mais próximo asilo, o homicida apresentava o seu caso no portão da cidade, o antigo tribunal (cons. Dt. 21:19; 22:15). Mais tarde era levado para enfrentar o julgamento diante da congregação da comunidade mais próxima à cena do crime. Se fosse inocentado, voltava à cidade de refúgio, ficando livre para voltar à sua casa quando morresse o sumo-sacerdote. Essa morte significava mudança de administração sacerdotal e agia como a nossa lei das limitações (veja comentários sobre 24:33).

## Josué 21

2) Estabelecimento das Cidades Prometidas aos Levitas. 21:1-42. O cumprimento de Nm. 35:2-8. Veja também I Cr. 6: 54 -81. Ainda que estas cidades com pastagens (**arredores**) fossem distribuídas em antecipação da completa subjugação da terra (**Gezer**, Is. 21:21, que só passou às mãos dos israelitas no reinado de Salomão; quarto a **Taanogue**, v. 25, e **Naalal**, v. 35, veja Jz. 1:27-30), contudo na sua maioria os levitas já tinham tomado posse de suas cidades no tempo de Davi (I Cr. 13: 2). Esta distribuição entre as outras tribos contribuiu para o cumprimento da maldição de Jacó sobre Levi e também Simeão (Gn. 49:5,7b). Mas Deus invalidou-a no caso dos descendentes de Levi, preservando sua identidade por terem ficado ao lado de Moisés num momento crucial (Êx. 32:26) e por causa da atitude justa de Finéias em relação a Zinri (Nm. 25). Nem Silo nem outras cidades efraimitas foram dadas aos sacerdotes; todas as cidades sacerdotais foram estabelecidas em Judá e Benjamim para que ficassem, em última diálise, dentro do reino de Judá, do qual a capital seria Jerusalém, Sião, a cidade de Deus (Sl. 48). Assim vemos que Deus **pretendia** que a conquista fosse completada rapidamente e que Jerusalém fosse a sede do Seu santuário séculos antes de Davi (cons. Is. 9:27). Mas a repetida apostasia de Israel no período dos Juízes não permitiu que a perfeita vontade de Deus fosse executada.

## H. Sumário da Conquista e Divisão. 21:43-45.

Esta é a passagem-chave do livro, enfatizando o tema da fidelidade divina em manter Suas promessas a Josué (1:5-9; cons. Sl. 44:2, 3). Para harmonizar estas declarações gerais com o fracasso de Israel em subjugar Canaã, lembre-se da provisão divina para tomada gradual da terra (Êx. 23:29, 30; Dt. 7:22-24).



## Josué 22

I. Apêndice: Partida das Tribos Transjordânicas. 22:1-34. Um incidente relacionado com as duas tribos e meia subsequente às campanhas e distribuições das heranças foi contado para demonstrar melhor o cuidado providencial de Deus em manter a harmonia dentro de Israel (cons. 22:31). Este capítulo reabre a questão se essas tribos estavam dentro da vontade de Deus em se estabelecerem a leste do Jordão. Muitos mestres têm acusado Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés por terem escolhido sua herança na Transjordânia. Mas C.H. Waller tem argumentado que este ponto de vista é historicamente incorreto: "Deus entregou a terra de Siom e Ogue a Israel; alguém tinha de herdá-la. Repito, a verdadeira fronteira da Palestina a leste não é o Jordão, mas a cadeia de montanhas de Gileade, que a separa do deserto que fica além. Na realidade as duas tribos e meia estavam na Palestina tanto quanto as demais . . ." (*op. cit.*, pág. 153).

**1-9.** Josué despediu as tribos do leste com uma bênção. Reconheceu que tinham cumprido com sua obrigação para com Moisés e ele próprio (Nm. 32:20-33; Is. 1:16, 17).

**5.** Observe os seis verbos, todos princípios básicos de uma vida piedosa diante do Senhor.

**10-34.** Retornando de Silo, as duas tribos e meia levantaram um altar na região ocidental do Vale do Jordão, talvez nas proximidades de Qarn Sartabeh (veja comentário sobre 16:5-10), com vistas para a passagem de Adão que leva pela o Vale de Jaboque.

**10. Altar grande e vistoso.** Um grande altar para chamar a atenção. Assim serviria bem como testemunho (22:27,28) para todas as gerações de que as tribos do leste tinham uma porção do Senhor e em Israel. Mas foi uma atitude desnecessária e presunçosa; o método divino de preservar a união era outro: todas as tribos deviam se reunir três vezes por ano à volta do altar de Silo (Êx. 23:17).

**11. Um altar... da banda dos filhos de Israel.** *Um altar na fronteira da terra de Canaã na região achegada ao Jordão, do lado que pertence ao povo de Israel* (isto é, às nove tribos e meia).

**13.** Em lugar de imediatamente empreender uma guerra (22:12) com base em Lv. 17:8, 9; Dt. 12:4-14; 13:13-18, as tribos do oeste sábia e providencialmente enviaram uma delegação liderada por Finéias, o zeloso filho do sumo sacerdote, que já estancara um fluxo de apostasia quando Israel se voltara para Baal-Peor (Js. 22:17; Nm. 25). Ele restaurou as tribos do leste "com o espírito de brandura" ou gentileza, tão necessário aos obreiros cristãos (Gl. 6:1; Mt. 18:15). **16. Infidelidade. Traição.** Esta palavra também foi usada para com o pecado de Acã (22:20; cons. 7:1), o qual quase arruinou toda a nação.

**22. O poderoso, o Deus, o Senhor!** A combinação e a repetição dos três nomes divinos, *El, Elohim, Jeová* (cons. Sl. 50:1), forma um juramento solene e majestoso pronunciado pelos acusados quando negam sua culpa de rebeldia ou traição. **Hoje não nos preserveis.** Uma imprecação excitada, dirigida diretamente a Deus, no meio de sua afirmação.

**30. Deram-se por satisfeitos.** A ação das tribos do leste parecia perfeitamente honrosa aos representantes. Nenhuma condenação subjacente das tribos transjordânicas foi insinuada pelo autor inspirado. Contudo, este afastamento do plano divino de um culto centralizado resultou mais tarde em apostasia, que se vê em sua recusa em ajudar Débora (Jz. 5:15b-17a).

#### **IV. Convocação Final para Fidelidade Convencional na Terra Prometida. 23:1 – 24:33.**

##### **Josué 23**

A. O Discurso de Despedida de Josué para os Líderes de Israel. 23:1-16. O livro de Josué começa com Deus mandando Josué assumir o comando; termina com Josué exortando a nação a completar a conquista

da terra. De dez a vinte anos deviam ter passado desde a divisão dos territórios tribais, quando a idade de Josué começou a lhe pesar (veja observações sobre 13:1). Naqueles anos subseqüentes ele observou a crescente complacência de Israel e sua tendência a se comprometer com os pagãos, enquanto sua própria incapacidade o impedia de assumir a liderança pessoal na tomada matar dos centros de resistência cananeus. Já que Deus não pretendia que ninguém o substituísse como comandante geral, teria falhado não treinando os líderes tribais na continuação da luta? Agora, sentindo a aproximação da morte, tinha de usar as forças que lhe restavam para despertar em Israel uma renovação de fidelidade para com Jeová e obediência à aliança.

**1,2.** Traduza e pontue assim: *Passado muito tempo depois que... os senis inimigos em redor, e Josué estava velho e entrado em anos* (lit., dias), *que chamou Josué a todo o Israel, os seus anciãos.* . . Primeiro ele convocou os líderes da nação, provavelmente em Silo, onde estava o Tabernáculo (18:1), a fim de adverti-los mais veementemente dos perigos de se apostatar de Jeová.

**3-5.** Primeiro, ele os encorajou a recordar o que Deus tinha feito por eles e também Suas promessas de desarraigas as nações pagãs.

**6-11.** Depois, rogou (a forma imperativa ou jussiva de comando não foi usada) que fossem muito resolutos em seguir a Lei, como ele fora (1:7), para que não se misturassem nem se associassem com os cananeus idólatras que ainda não tinham sido expulsos. Insistiu com eles a que continuassem *a se apegar devotadamente* (23:8) a Jeová seu Deus, e a amá-Lo (cons. Êx. 20:6) - "pois o Senhor vosso Deus é o que luta por vós, conforme vos prometeu". Mas ao Senhor vosso Deus vos apegareis é a maneira usada no V-T- para se dizer "permaneço em Cristo" (cons. Js. 15:1-10).

**12,13.** Terceiro, advertiu-os severamente das conseqüências do casamento com seus vizinhos (proibido em Êx. 34:12-16; Dt. 7:3), pois tal associação seduziria os israelitas e os levaria a praticar o culto à fertilidade, transformando-se em açoite para suas costas e amargura para

os seus olhos (cons. Nm, 35:55). Do mesmo modo não devemos nos acomodar com qualquer pecaminoso hábito sedutor em nossas vidas.

**14-16.** Concluindo, resumiu seus pensamentos, enfatizando a maldição que sobreviria à transgressão da aliança, baseando suas ameaças em Lv, 26: 14 -33 ; Dt. 28 : 15-68 ; etc.

## **Josué 24**

B. Renovação do Compromisso Assumido com a Aliança em Siquém. 24:1-28. Como resultado direto de sua reunião com os líderes, Josué convocou toda a nação a Siquém para restabelecer novamente a aliança como fundamento do seu relacionamento com Jeová. Vinte anos ou mais se passaram – o período momentoso da subjugação e colonização de Canaã, e a inclusão de novos povos (os gibeonitas, por exemplo) na Comunidade Hebraica. Conforme Moisés fez depois da peregrinação no deserto (Dt. 30:15-20), agora Josué pediu às tribos solene e formalmente que declarassem novamente a fidelidade convencional ao seu Deus - não em Silo mas em Siquém, pois perto deste último havia um antigo santuário ou lugar sagrado dos hebreus (veja comentário sobre 24:26). Aqui Deus pela primeira vez prometeu dar Canaã a Abraão; aqui o patriarca levantou seu primeiro altar na terra (Gn. 12:6,7). Aqui também Jacó construiu um altar (Gn. 33:20) e exortou a sua casa a deixar os seus ídolos (Gn. 35 : 1-4 j. Perto deste lugar o próprio Josué dirigiu, em ocasião anterior, uma cerimônia de restabelecimento da aliança (Js. 8:30-35).

George E. Mendenhall lucidamente revelou a natureza da aliança e da renovação da aliança em Israel no tempo de Moisés e Josué (*Law and Covenant in Israel and the Ancient Near East*, págs. 24 -44 ). Na forma, a aliança mosaica parece-se mais com os tratados de suserania através dos quais um grande monarca obrigava seus vassallos a servi-lo com fidelidade e obediência. Tais tratados encontram-se nas alianças internacionais do Império Heteu com seus estados vassallos, entre 1450-1200 A.C., mas não depois do final do segundo milênio A.C. Ambos, a

aliança mosaica e os tratados de suserania, são essencialmente unilaterais. "As estipulações do tratado implicam em obrigatoriedade apenas da parte do vassalo e só o vassalo fazia um juramento de obediência" (Mendenhall, pág. 30). Enquanto o vassalo era obrigado a confiar na benevolência e ajuda protetora do monarca, este último mantinha "seu exclusivo direito de autodeterminação e soberania" (*ibid*), não se obrigando a compromissos específicos. No caso da aliança mosaica, os israelitas e a multidão mista (cons. Nm. 11:4) estavam na posição dos povos vassalos, enquanto Jeová era o seu divino soberano. Assim Deus empregou uma forma padrão de aliança conhecida na Ásia ocidental daquele tempo.

A aliança da qual Moisés era o mediador não foi em nenhum lugar proclamada como aliança eterna; por isso tinha de ser periodicamente renovada - pelo menos em cada geração. Semelhantemente, desde que os tratados heteus "não continham obrigatoriedade perpétua desde o principio, uma renovação da aliança tornava-se necessária de tempos em tempos" (*ibid*, págs. 40, 41), como quando o herdeiro tomava o poder após a morte do rei vassalo. Do mesmo modo havia necessidade de uma leitura pública periódica da aliança, tanto no Império Heteu como em Israel (veja observação sobre 8: 33-35). Exigia-se do vassalo que comparecesse diante do soberano uma vez por ano a fim de pagar o tributo (cons. 24:1b; Dt. 16:16).

A maior parte dos elementos encontrados nos textos dos tratados heteus podem ser averiguados nesta renovação da aliança em Siquém conforme se constata no esboço abaixo:

### **1) Preâmbulo.**

**24:2a. Assim diz o Senhor Deus de Israel.** Esta declaração identifica o Autor da aliança no seu relacionamento com o povo vassalo.

### **2) Prólogo Histórico. 24:2b-13.**

Esta seção descreve detalhadamente o relacionamento anterior entre o soberano e os súditos. "Nos tratados de suserania dava-se grande

ênfase aos feitos benevolentes que o rei heteu tinha realizado em benefício do vassalo ... Não eram fórmulas enfaticamente estereotipadas . . . mas antes descrições tão cuidadosas de acontecimentos reais, que constituem fonte importantíssima para o historiador" (*ibid*, pág. 32). No prólogo histórico o monarca sempre fala, usando a forma de tratamento "Eu-vós", diretamente com o vassalo. Assim nesta seção não é Josué mas Jeová que está falando, esboçando Seu tratamento teocrático com Israel desde a chamada de Abraão até a Conquista.

**2b. Dalém do Eufrates.** Literalmente, *Dalém do Rio*, o distrito ao norte e leste do Rio Eufrates, incluindo Harã (cons. II Sm. 10:16; I Reis 14:15 ; II Reis 17:6; Is. 7:20). Ur dos Caldeus poderia muito bem ter sido uma cidade nas montanhas da Armênia ao norte de Harã e não a cidade sumeriana perto do Golfo Pérsico (veja Cyrus Gordon, "Abraham and the Merchants of Ura", JNES, January, 1958). **Tera ... Abraão ... Naor.** Só dois dos três filhos de Terá foram mencionados, aqueles que foram os ancestrais de Israel – Naor como o avô de Rebeca e bisavô de Lia e Raquel.

7. Considerando que esta cerimônia foi obviamente uma renovação da aliança original feita no Sinai, talvez a bem da brevidade. Mas aquela aliança foi definitivamente mencionada no contexto direto (23:16).

**12. Vespões.** Provavelmente uma expressão figurada do poder de Deus que derramou o pânico sobre Siom e Ogue (veja Êx. 23:27-30; Dt. 7:20), mais do que uma velada referência aos exércitos de Faraó (veja Garstang, *Joshua-Judges*, pág. 259), que nunca pilharam o sul de Gileade e Moabe.

3) As Estipulações. 24:14 -24. Como nos tratados de suserania dos heteus, a primeira proibição era de fazer alianças fora do Império Heteu, assim também "a primeira obrigação da aliança (de Jeová) era rejeitar todo relacionamento estrangeiro - isto é, com outros deuses, e por implicação, com outros grupos políticos" (Mendenhall, op. cit., pág. 38). Esta obrigação primária foi exigida de Israel por Josué, conforme vemos em 24:14,15, 23; e o registro da aceitação desta obrigação convencional

pelo povo, e não o texto completo da renovação convencional formal, foi inserido a bem da brevidade. Mais ainda, uma vez que foi uma renovação da aliança mosaica e não uma nova aliança, nenhuma outra estipulação precisou ser acrescentada. Provavelmente tais povos locais como os gibeonitas e os habitantes de Siquém (veja observações sobre 8:30-35) também se tornaram "vassalos" de Jeová rejeitando aos deuses dos amorreus (24:15; cons. I Reis 18:21).

4) O Depósito da Aliança. 24:25-28. Até mesmo entre os heteus o tratado era considerado sob a proteção da divindade e "era depositado como coisa sagrada no santuário do estado vassalo" (ibid, pág. 34). Do mesmo modo, **Josué escreveu estas palavras no livro da lei de Deus** (24:26; cons. I Sm. 10:25), que foi deportado perto da arca da aliança (Dt. 31:24-27). Ele também inscreveu os estatutos da renovação da aliança sobre uma grande pedra, a qual colocou sob o carvalho ou terebinto que pertencia ao lugar sagrado de Jeová perto de Siquém (veja observação sobre Js. 17:9). Esta árvore foi mencionada em Gn. 12:6 (lit. o *terebinto* do mestre em vez de "a planície de Maré". cons. 35:4). No caso da cerimônia da aliança de Js. 8:30-35, a fórmula das maldições e bênçãos foi declarada, outro aspecto regular dos tratados heteus.

### **C. Apêndice: A Morte de Josué e Subseqüente Conduta de Israel. 24:29-33.**

Josué devia ser altamente estimado quando da sua morte, por causa de sua influência piedosa conforme está declarado em 24:31 – **Serviu, pois, Israel ao Senhor todos os dias de Josué, e todos os dias dos anciãos que ainda sobreviveram por muito tempo depois de Josué**, os quais ele exortou tão poderosamente, de acordo com o capítulo 23.

**32.** O Sepultamento dos restos mortais de José (cons. Gn. 50:25, 26; Êx. 13:19) deve ter sido feito muito tempo antes da morte de Josué, mas o autor inspirado "colocou a narrativa dele aqui, simbolizado no final do livro toda a mensagem contida nele – a fidelidade de Deus (Blair, em *The New Bible Commentary*, pág. 235).

---

**33.** A morte do sumo sacerdote **Eleazar**, filho e sucessor de Arão, ficou registrada junto com a morte de Josué, sucessor de Moisés, para indicar o término de uma era (cons. 20: 6 e comentários sobre 20:1-9).